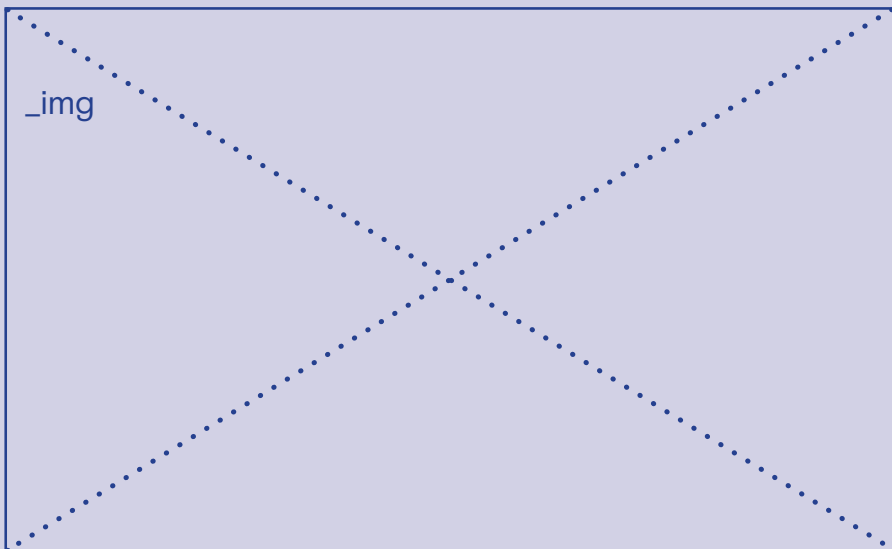


01

- 01. Contextualização
- 02. O que são prisões
- 03. Apresentação
- 04. Timeline
- 05. Entrevistas
- 06. Caixa de ferramentas
- 08. Conclusões

Caderno de memórias e outras anotações sobre a experiência de criar um projeto artístico numa prisão



dia com 478 mil, a Rússia com 471 mil, a Tailândia com 309 mil, a Turquia com 291 mil, a Indonésia com 266 mil, o México com 220 mil, o Irão com 189 mil e as Filipinas com 165 mil.

Desde 2000, a população prisional mundial aumentou cerca de 24%.

A pena de morte é aplicada em diversos países, sendo uma grave violação dos direitos humanos.

Sabia que na Europa?

Existem regras relativamente ao tratamento de pessoas privadas da liberdade em prisões na Europa, em particular as Regras Penitenciárias Europeias.

Existem oficialmente cerca de 1,4 milhões de pessoas presas nos países membros do Conselho da Europa.

A taxa europeia de pessoas presas é de cerca de 102 pessoas por cada 100 mil habitantes.

A idade mediana europeia das pessoas presas é de 36 anos.

16% das pessoas presas têm 50 ou mais anos.

95% das pessoas presas são homens e 5% mulheres.

15% das pessoas presas em prisões europeias

são pessoas estrangeiras. Contudo, no caso da Áustria esse número sobe para 50%, no caso da Grécia esse número sobe para 60% e no caso da Suíça esse número sobe para 71%.

22% das pessoas que se encontram presas estão presas preventivamente, ou seja, sem uma decisão final/sentença.

O tempo de prisão de 1 a menos de 3 anos representa 23,5% dos casos, seguindo-se de 3 a menos de 5 anos com 17% e de 5 a menos de 10 anos com 21%.

Cerca de 2% das pessoas presas cumprem sentenças de 20 ou mais anos e 1,5% cumprem prisão perpétua.

O tipo de crime mais comum que leva as pessoas à prisão é o de infrações relacionadas com estupefacientes (17%), seguindo-se o crime de homicídio consumado e na forma tentada (14%), e os furtos/roubos (12%).

Existem cerca de 1,5 pessoas presas por cela.

Existem 1,4 pessoas presas por 1 profissional dos sistemas prisionais.

Existem 2,3 pessoas presas por 1 guarda prisional.

A duração mediana de prisão é de 8,9 meses no total de pessoas em prisão preventiva e prisão efetiva. Já a duração mediana de prisão para o total das pessoas em prisão efetiva é de 20 meses.

A média europeia de fugas é de 2,2 por cada 10.000 pessoas presas.



A taxa de mortalidade nas prisões europeias é de 29 reclusos por 10.000 pessoas presas e a taxa de suicídio nas prisões europeias é de 5.7 pessoas por 10.000 presos.

As prisões tiveram um custo de administração de mais de 26 mil milhões de euros.

As Regras Penitenciárias Europeias não são devidamente respeitadas.

As medidas alternativas à prisão não refletem a diminuição da população prisional, e em alguns países estão, aliás, associadas ao aumento da população prisional.

Existem mais de 2 milhões de crianças com o pai e/ou a mãe na prisão.

em março de 2023, há um total de 12.409 (aumento de cerca de 8%, face a 2020).

93% das pessoas presas são homens e 7% mulheres.

Cerca de 80% das pessoas presas encontram-se em prisão efetiva e 20% em prisão preventiva.

Cerca de 85% das pessoas presas são portuguesas e 15% estrangeiras.

Por comparação, com o panorama europeu, Portugal tem uma taxa de população prisional de 110,8 pessoas por cada 100 mil habitantes. Ou seja, um valor considerado alto, face ao valor mediano europeu.

Por comparação com o panorama europeu, 7% das pessoas presas são mulheres. Ou seja, um valor considerado muito alto, face ao valor mediano europeu.

Por comparação com o panorama europeu, 23,5% das pessoas presas têm 50 ou mais anos. Ou seja, um valor considerado muito alto, face ao valor mediano europeu. Neste indicador Portugal é, aliás, o quarto país com mais pessoas presas.

Por comparação com o panorama europeu, 15,5% das pessoas presas são estrangeiras. Ou seja, um valor aproximado, face ao valor mediano europeu.

Por comparação com o panorama europeu, 19,9% destas pessoas estavam em prisão preventiva. Ou seja, um valor considerado baixo, face ao valor mediano europeu.

Por comparação com o panorama europeu, exis-

Sabia que em Portugal?

Existem no total 49 prisões .

Existe um Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais

Em 2018 existiam 12.867 pessoas presas, e em 2020 esse número passou para 11.412 pessoas (houve uma diminuição de cerca de 11%, devido à libertação de cerca de 1.500 pessoas no âmbito da COVID-19). Contudo, em 2022, o número voltou a aumentar para 12.198 pessoas presas. E

tem 1,7 pessoas presas por cada profissional no sistema prisional. Ou seja, um valor considerado muito alto, face ao valor mediano europeu. Por comparação com o panorama europeu, a duração média de prisão é de 31,4 meses. Ou seja, um valor considerado muito alto, face ao valor mediano europeu. Neste indicador Portugal é, aliás, o segundo país com a maior duração média do tempo de prisão. Em Portugal as penas de prisão são três vezes mais longas do que na europa.

Por comparação com o panorama europeu, existem 65,7 mortes por cada 10.000 pessoas presas. Ou seja, um valor considerado muito alto, face ao valor mediano europeu. Neste indicador Portugal é, aliás, o sexto país com a maior taxa de mortalidade.

Ao longo dos anos, os relatórios do Comité Europeu para a Prevenção da Tortura e Tratamentos Desumanos e Degradantes do Conselho da Europa têm sido críticos sobre as visitas realizadas em Portugal. Por outro lado, também o Comité Contra a Tortura da ONU revela preocupações com a prisões portuguesas.

bibliografia

1. https://www.unodc.org/documents/justice-and-prison-reform/Nelson_Mandela_Rules-P-ebook.pdf
2. <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/cd8bc11ffd-cbc397c32eecdc40afb74.pdf>
3. https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world_prison_population_list_13th_edition.pdf
4. -7. Idem
8. <https://deathpenaltyinfo.org/policy-issues/international/executions-around-the-world>
9. <https://rm.coe.int/16804c2a6e>
10. https://wp.unil.ch/space/files/2023/05/SPACE-I_2021_Final-Report.pdf
11. - 25. Idem
26. <http://www.prisonobservatory.org/upload/PrisoninEurope-Overviewandtrends.pdf>
27. http://www.prisonobservatory.org/upload/EPO_2_WS1_Final_report.pdf
28. <https://childrenofprisoners.eu/its-time-to-act/>
29. <https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/Penas-e-medidas-privativas-de-liberdade/Estabelecimentos-prisionais>
30. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1317&tabela=leis
31. <https://dgrsp.justica.gov.pt/Estat%C3%ADsticas-e-indicadores/Prisionais#Populaoprisionalportipodeestabelecimentossegundosexo>
32. https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Estatisticas/%C3%81rea%20Prisonal/Quinzenais/2023/1q03-2023-sex-pen.pdf?ver=Xx-vmB_LO5ncYcr-vSfAEg%3d%3d
33. <https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Estatisticas/%C3%81rea%20Prisonal/Quinzenais/2022/2q12-2022-sitpen.pdf?ver=NyX4qJrc-tawCn2TBGH6kQ%3d%3d>
34. Idem
35. https://wp.unil.ch/space/files/2023/05/SPACE-I_2021_Final-Report.pdf
36. - 42. Idem
43. <https://www.coe.int/en/web/cpt/visits>
44. <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1695211>



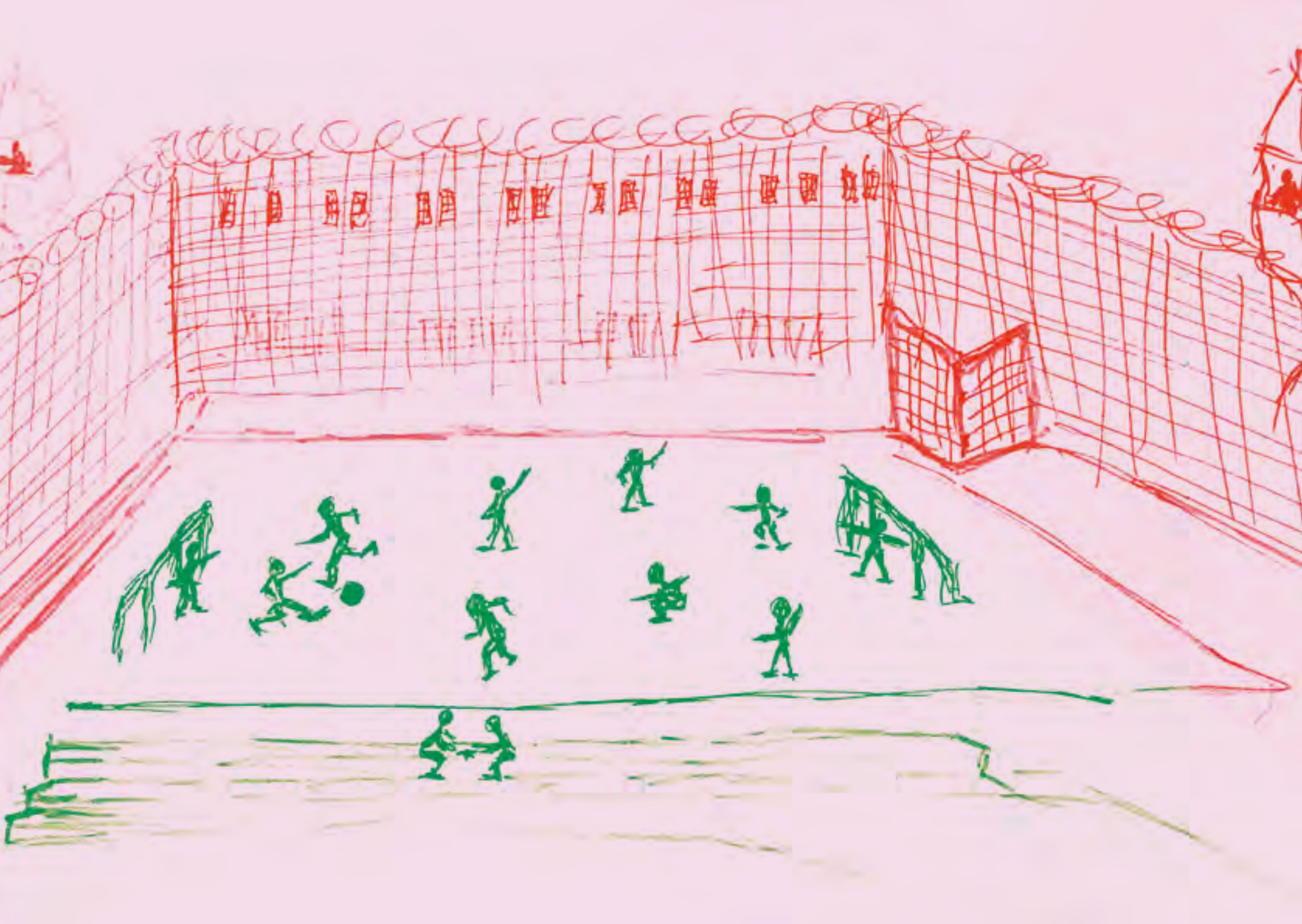
02

- 01. Contextualização
- 02. O que são prisões
- 03. Apresentação
- 04. Timeline
- 05. Entrevistas
- 06. Caixa de ferramentas
- 08. Conclusões

O que são as prisões?

As prisões são instituições burocratizadas e centradas no objetivo de controlo e monitorização.

Ricardo Loureiro



Nas prisões encontramos, maioritariamente, histórias de vida que mostram diversas vulnerabilidades, tal como a falta de acesso ao trabalho, à educação/formação e à habitação. Encontramos também, adultos/as que, em diversos momentos das suas vidas, foram vitimizados/as e que, não raras as vezes, se tornam eles/elas agressores/as.

O que são as prisões

As prisões são instituições burocratizadas e centradas no objetivo de controlo e monitorização. Enquanto instituição social total, definida e debatida por Erving Goffman no famoso *Manicómios, Prisões e Conventos* (1961), a prisão caracteriza-se pelo seu nível de encerramento em si mesma face às comunidades, às organizações e às dinâmicas dos contextos exteriores. Assim, as dimensões da prisão identificadas pelo autor são físicas, mas também culturais e simbólicas.

O conceito de prisão como instituição social total baseia-se na ideia central de que esta instituição promove o distanciamento e o afastamento das dinâmicas de sociabilidade exteriores, motivo pelo qual não é consensual que a reinserção social das pessoas privadas da liberdade seja passível de ser realizada dentro das prisões.

O conceito de instituição social total baseia-se nos seguintes princípios: a existência de uma

única autoridade, que será o/a diretor/a da prisão; a existência de dinâmicas diárias assentes, sobretudo, na interação com pessoas nas mesmas circunstâncias; a existência de atividades reguladas por um plano claro de normas, cuja aplicabilidade é da responsabilidade dos/as profissionais, equipas técnicas e/ou guardas prisionais; a existência de mecanismos de monitorização e controlo permanentes.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault refere que a prisão é “uma instituição disciplinar criada para exercer o poder de punir pela privação de liberdade, para produzir docilidade e utilidade mediante o exercício de coação educativa total sobre o condenado” (p. 154). Na prática, as prisões resultam no exercício do poder opressivo, cuja abordagem de controlo e monitorização se traduz em reduzir as pessoas privadas da liberdade a um corpo amorfo. Esta redução implica a dessocialização e a destruição de identidades individuais, sendo exemplo disso o facto de que, invés de serem tratadas pelo nome, as pessoas privadas de liberdade são tratadas pelo número que lhes é atribuído à entrada para a prisão.

A não atribuição do nome, alterado para a dimensão de um número, revela muito sobre a redução do indivíduo ao corpo biológico e sobre a ausência do reconhecimento e a anulação da identidade social e cultural de cada pessoa. Efectivamente, a identidade individual assenta desde logo na dignidade básica de cada um/a de nós

ser chamado/a pelo nome próprio. Por oposição, estamos aqui perante um sistema que desintegra as pessoas, contrariando as políticas públicas, que apontam para a necessidade de reinserção social. Na prática, este sistema tem sido incapaz de promover a co-responsabilização das pessoas privadas da liberdade, na medida em que gera um processo de despersonalização e de perda de identidade, enquanto que, por outro lado, procura implementar processos reformistas e práticas de gestão, que possam vir a contribuir para a mudança das próprias dinâmicas prisionais internas. Ora, a reconstrução de identidade, para além de complexa, nomeadamente do ponto de vista emocional, psíquico e físico, integrará sempre a experiência de privação da liberdade na prisão.

Por outro lado, nomeadamente em Portugal, o isolamento das prisões face ao mundo exterior é evidenciado pela sua fraca adesão a redes de parceria com outros sistemas de intervenção social, económica, cultural e comunitária, em particular de forma estruturada e integrada. É verdade que, ao longo dos últimos anos, cada vez mais organizações, tal como ONGs, têm vindo a aceder às prisões portuguesas, para implementar projetos de índole cultural e/ou artística, prestar apoio religioso ou oferecer oportunidades de educação e formação profissional. No entanto, têm também vindo a surgir nas prisões organizações com fins lucrativos, que procuram centrar a

sua atuação ao nível do acesso ao trabalho mediante uma parca remuneração (em grande parte dos casos, violando o Código do Trabalho). Também isto reforça a importância de fomentar relações de proximidade entre as comunidades fora da prisão e as pessoas privadas de liberdade. Em todo o caso, as práticas de participação em redes de parceria fora de muros são ainda muito incipientes no nosso país, o que, evidentemente, não é compatível com as políticas públicas de reinserção social perspectivadas. Na verdade, tal contraria as orientações das Regras Penitenciárias Europeias, referindo que as entidades públicas penitenciárias devem facilitar as ligações com o mundo exterior.

Nas prisões, o controlo e monitorização são permanentes, o que torna a privacidade impossível. De facto, a visão panóptica de Foucault está integrada na gestão prisional; ou seja, as pessoas privadas da liberdade sabem que estão sempre visíveis. Ao controlo e monitorização subjaz a ideia de que as pessoas privadas da liberdade são criminosas e que a sua permanência na prisão deverá resultar na “reinserção social” na vida no exterior da prisão. Estamos, porém, perante um paradoxo, que tende a ser reforçado por via do desejo punitivo das pessoas encarceradas, pois a ideia de “criminoso/a” assenta numa construção social de base discriminatória. Não deixa também de ser paradoxal a ideia de que as prisões servem para ressocializar as pessoas priva-

das da liberdade, quando, na prática, o contexto gerado para essa eventual oportunidade distancia estas pessoas da vida fora das prisões.

Mais, o conceito de “criminoso/a” implica em si mesmo uma visão hierarquizada sobre seres humanos, o que resulta na sua permanente desumanização e, conseqüentemente, das suas famílias. Na prática, as pessoas privadas da liberdade e as suas famílias acabam por ser coletivamente percecionadas como “inferiores”. Nas suas obras *As Prisões da Miséria* e *Punir os Pobres: A Nova Gestão da Miséria nos Estados Unidos*, Loic Waquant revela que a prática penitenciária punitiva é uma forma generalizada de gestão das classes dominadas, sustentada no desinvestimento do Estado Social, em prol do maior investimento e centralidade do Estado Penal.

Relativamente à dimensão das barreiras físicas, esta é comumente visível pelos muros das prisões — tratam-se de barreiras físicas e simbólicas que separam os “bons” dos “maus”, dado que, a nível histórico, cultural e identitário, a prisão é o lugar de castigo, num sistema de opressão. Mais, a prisão nem sequer tem evidenciado a minimização de práticas criminais, pois não lida com os problemas que levam as pessoas à prisão, promovendo sim uma falsa sensação securitária, ao mesmo tempo que revela as vulnerabilidades do Estado Social e propõe como bodes expiatórios as pessoas privadas de liberdade e as suas famílias.

Nas prisões encontramos, maioritariamente, histórias de vida que mostram diversas vulnerabilidades, tal como a falta de acesso ao trabalho, à educação/formação e à habitação. Encontramos também, adultos/as que, em diversos momentos das suas vidas, foram vitimizados/as e que, não raras as vezes, se tornam eles/elas agressores/as. Em conclusão, a par da aparente falta de capacidade das políticas sociais em intervir e antecipar os problemas com que se propõem lidar, as prisões servem para legitimar a ideia simplista de que existem “bons” e “maus”, numa abordagem moralista estritamente dicotómica.

Atualmente, os problemas que as políticas penitenciárias e carcerárias propõem endereçar mantêm-se, nomeadamente a reincidência. Na verdade, as prisões têm gerado mais violência e opressão, estigmatizando e discriminando as pessoas privadas da liberdade e suas famílias, estas últimas, na grande maioria, mulheres e crianças vulnerabilizadas. Durante dois séculos, o sistema penal e o encarceramento não mostraram, ter soluções para minorar a violência, sendo antes sistemas e mecanismos de reprodução e extensão dessa mesma violência que pretendem combater. É também exemplo disso o *burnout* que afeta muitos profissionais do sistema prisional. Por outro lado, as próprias penas alternativas têm sido utilizadas para estender a dimensão do controlo penal.

Embora a prisão deva ser o último recurso, na

prática, a evidência é da sua banalização, seja em discursos comuns, seja ao nível de políticas públicas, nomeadamente nas áreas sociais. Recorrentemente, estas últimas procuram na prisão a resolução dos problemas com os quais têm elas próprias responsabilidades de lidar. As conceções de justiça assentes no direito penal revelam, pois, um paradoxo, na medida em que a sua resposta imediata assenta na negação de direitos. Tal merece uma reflexão crítica coletiva, para repensarmos o conceito de justiça.

O princípio punitivo é, portanto, contraditório, pois cria bodes expiatórios, servindo inclusive para instrumentalização política, e legitima uma conceção de justiça incompatível com a promoção dos direitos humanos, na medida em que integra e promove uma conceção do/a outro/a com base num pressuposto desumanizador. Uma das consequências da ideia de justiça tradicional, alimentada pelo punitivismo, tem sido o facto de que o direito penal e, conseqüentemente, o sistema penitenciário e carcerário, desviam a atenção (e capturam, até, os mecanismos, as estratégias e as políticas de ação) das causas mais profundas das práticas e/ou fenómenos indesejáveis, pois procuram legitimar a ideia de que a prisão por si só resolverá tais questões.

Porém, em contraponto, urge compreender a importância de desenvolver o “capital social” das pessoas privadas da liberdade (Ditchfield, 1994; Farrall, 2004). De facto, a investigação mostra

que a existência e a manutenção de um bom relacionamento familiar reduzem a reincidência, e que o apoio de familiares e amigos/as na libertação pode ajudar a uma reintegração bem-sucedida na comunidade. Daqui se depreende que tanto o apoio familiar, como a possibilidade legal de poder fazer parte de redes sociais de contacto, desenvolvendo relações afetivas estáveis, são fundamentais nos processos de reinserção social, servindo também para prevenir uma possível reincidência. Esta estabilidade moral e material pode potenciar mudanças nas pessoas privadas da liberdade, permitindo-lhes criar outras autoidentidades e ajudando-os a pensar em si mesmos não só como infratores/as, mas também como pessoas dignas de atenção e afeto, o que facilitará o seu regresso ao mundo exterior (Marunda, 2007).

A pretensão do rigor penal resulta na supressão de direitos. Gera mais e maiores danos e violências. Urge perspetivar, ensaiar e efetivar transformações e mudanças no sistema punitivo retributivo, que centra a ação no castigo e na conseqüente desumanização, em particular no contexto prisional. Urge criar um sistema baseado no princípio transformativo, interseccional e de corresponsabilização, em que as pessoas privadas da liberdade possam e devam ser os/as próprios/as agentes de mudança, em envolvimento com as comunidades.

PASSADO - 2019

UM NOVO PROJETO
A LIGAÇÃO AO EXTERIOR

NOVA MENTALIDADE
ESPÍRITO DE GRUPO
MAIOR PROXIMIDADE ENTRE NOS
QUEBRANDO BARREIRAS E
RECONCILIANDO (+ UNIÃO)

na reflexão
expectativas elevadas em relação ao projeto P.
relacionados entre si, em
deci: pessoas fantásticas, (então, ~~então, então~~ a ~~realização~~),
então, então).

Aprender com pessoas que
estão a muito no mundo

como se trabalhou com máquinas fotográficas, microfones e monitor tudo esse trabalho.
processo das aulas de teatro até a apresentação
ORIZACÃO DA INDIVIDUALIDADE E NOS
ITOU PARA UTILIZAR DONS INDIVIDUAIS EM ATIVIDADES
GRUPO. Não estive cá, porém tive boas recomendações.
exemplos que nos deram
a energia das pessoas que cá vieram

03

01. Contextualização
02. O que são prisões
03. Apresentação
04. Timeline
05. Entrevistas
06. Caixa de ferramentas
08. Conclusões

Apresentação

LADO P foi um projeto que juntou artistas e pessoas privadas de liberdade.



Maria Gil

Coautora, artista formadora

Através da realização de oficinas de teatro, escrita, música, som e imagem criámos um lugar de partilha e de proximidade onde contámos, ouvimos e imaginámos histórias.

O projeto foi desenvolvido no Estabelecimento Prisional de Caxias, em Oeiras, e integrou o Programa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social, da Fundação Calouste Gulbenkian (2019-2022), numa coprodução entre o Teatro do Silêncio e a Vende-se Filmes, tendo ainda como parceiros a World Academy, a RTP–Rádio Televisão Portuguesa, a Câmara Municipal de Lisboa e a Câmara Municipal de Oeiras.

O Lado P foi pensado para ser desenvolvido ao longo de três anos, mas devido às interrupções da pandemia COVID-19 acabou por se estender por um ano mais.

A ideia inicial era fazer um filme e uma série de televisão, a partir do material criado nas oficinas. Porém, as limitações institucionais, burocráticas e humanas, acrescidas à interrupção devido à pandemia, tornaram impossível a criação de dois objetos artísticos e os recursos acabaram por ser canalizados para a criação de uma série documental. *Fechado* é o nome da série.

Ricardo Loureiro, sociólogo e investigador, começa por nos apresentar uma série de dados e factos sobre as prisões, numa perspetiva mundial, europeia e nacional. Depois, Daniela Soares,

Caderno de Memórias e outras
Anotações sobre a Experiência de
Criar um Projeto Artístico numa
Prisão pretende ser uma forma de
partilhar este processo, criando
uma espécie de arquivo de memórias,
que poderá apoiar quem
queira vir a desenvolver projetos
artísticos em contexto prisional.

coordenadora e diretora de produção, inscreve os momentos-chave do projeto numa linha temporal, dando-nos uma perspetiva de continuidade, que nem sempre é possível ter quando estamos dentro do próprio processo. Seguem-se uma série de entrevistas à equipa e a alguns dos participantes que, de forma caleidoscópica, apresentam as expectativas, as esperanças, as angústias e os momentos mais significativos deste processo. Filipa Reis, coautora do *Lado P* e artista formadora, reflete sobre como pensar o conceito de liberdade a partir de um espaço onde ela é limitada e restringida, e comenta ter sido esta uma das motivações iniciais para desenhar o projeto. João Miller Guerra, coautor, artista formador e realizador, recorda algumas das situações que mais o marcaram, como a filmagem das histórias atrás das cicatrizes, ou o momento em que pediu a um dos participantes para desenhar uma memória e este só evocou o vazio. Daniela Soares vai estabelecer um roteiro emotivo do projeto, nas suas várias fases e etapas. Maria Gil confronta as suas expectativas antes de entrar numa prisão com a efetiva realidade por si experienciada, esboroando preconceitos e medos. Sofia Cabrita, coautora e artista formadora, partilha o processo de pensar e de fazer exercícios, numa dinâmica que se quer flexível e adaptável. Margarida Mestre, artista formadora, relembra como a voz é a expressão do nosso interior e como os exercícios que realizou abriram

30 espaço para o lúdico e para a dimensão poética, na aceitação radical da força e da fragilidade da voz de cada participante. Leo, Bruno, Felipe e Pablo, participantes no *Lado P*, que no momento das entrevistas já não se encontravam privados de liberdade, partilham como inicialmente o projeto era apenas visto como mais uma ocupação para, gradualmente, se ter tornado num espaço de troca de sentimentos, de pensamento e de reflexão sobre o lugar de cada um. Pedro Cabeleira, artista formador e realizador, mostra como as limitações impostas pela instituição afetaram a realização dos conteúdos da série. E, finalmente, Tiago Costa, artista formador e ator, relembra como simples exercícios de respiração, feitos de olhos fechados e em silêncio, potenciavam o foco e a atenção do grupo.

Incluimos ainda nesta obra uma Caixa de Ferramentas, uma seleção de alguns dos exercícios que realizámos e um conjunto de orações pertencentes a diferentes tradições religiosas. Estes exercícios podem ser replicados ou transformados e podem ser feitos em oficinas ou individualmente. Deixamos também uma lista de contactos úteis para quem está prestes a sair de um Estabelecimento Prisional ou para quem tenha algum familiar ou amigo em situação de privação de liberdade.

Ricardo Loureiro conclui em jeito de síntese, reu-

nindo uma série de recomendações para projetos futuros desta índole.

Este caderno é de reprodução livre e pode ser impresso por partes ou na sua totalidade.

Deixamos um agradecimento muito especial a todas as pessoas que fizeram parte deste projeto, em especial aos participantes, cúmplices desta aventura, que vibrará durante muito tempo nos nossos corações.



04

- 01. Contextualização
- 02. O que são prisões
- 03. Apresentação
- 04. Timeline
- 05. Entrevistas
- 06. Caixa de ferramentas
- 08. Conclusões

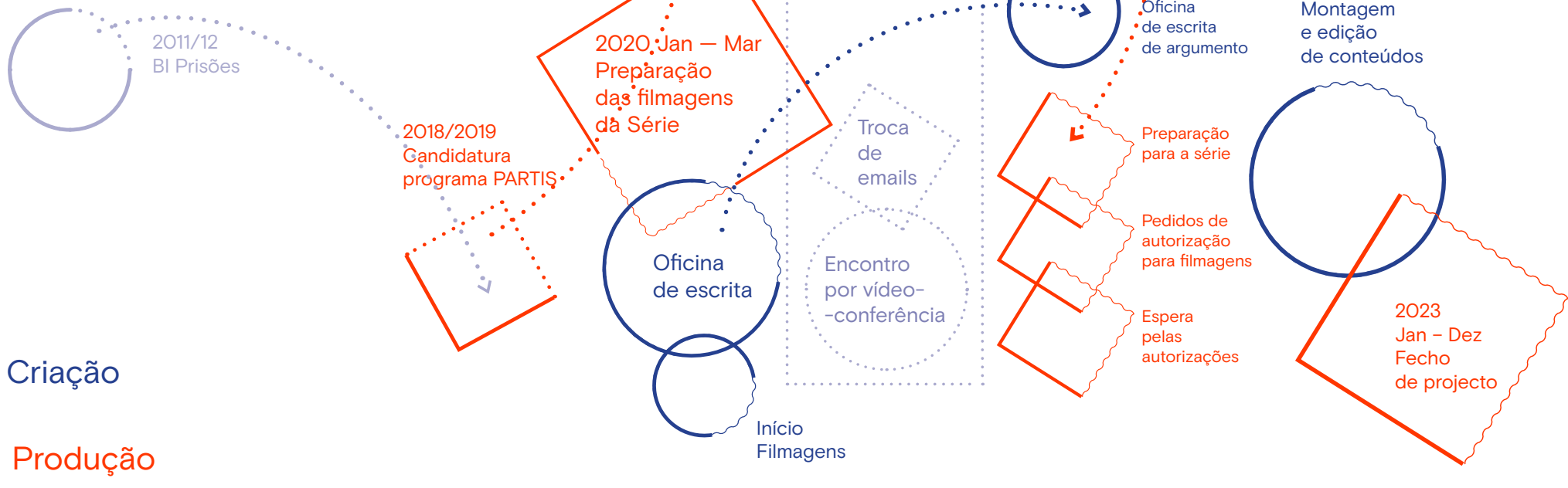
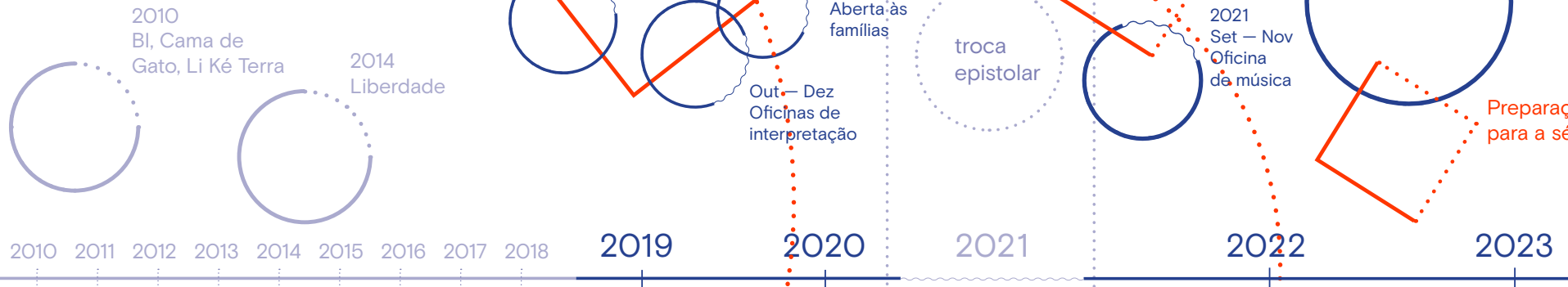
Timeline

Modos de produção e modos de criação do projeto LADO P

Timeline

Lado P

A vontade de trabalhar em prisões



 Criação

 Produção

2010

A vontade de trabalhar em prisões surgiu quando a *Vende-se Filmes* produziu alguns projetos com actores não profissionais, como o programa de televisão *Bl* ou os filmes *Cama de Gato* e *Li Ké Terra*. Nesses projetos, havia sempre alguém com um familiar ou um amigo em privação de liberdade, fazendo com que as suas rotinas se ligassem direta ou indiretamente à prisão, ou porque iam visitar familiares e amigos ou porque passavam a sua roupa a ferro ou cozinhavam para eles.

2011/12

Um ano depois, a *Vende-se Filmes* fez uma tentativa de replicar o formato do programa televisivo *Bl*, mas em prisões, onde os participantes fariam uma curta-metragem sobre o tema da liberdade, ou a ausência dela. No entanto, a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) rejeitou esta proposta.

2014

Não desistimos e, em 2014, a *Vende-se Filmes* produziu uma série documental mostrando vários contextos onde a liberdade estava restringida: uma Casa de acolhimento para raparigas; um Lar da 3ª Idade; uma Casa de acolhimento para jovens mães; a Comunidade Vida e Paz, Centro de Desintoxicação e Reinserção; a experiência de um jovem em prisão domiciliária. Foi a primeira vez que trabalhamos com uma pessoa em privação de liberdade.

2019 AGO - OUT

Oficinas de som e imagem orientadas pela World Academy, parceiro do projeto.

2019 OUT - DEZ

Durante o período em que realizámos as oficinas de interpretação, a direção do EP mudou, provocando impactos no projeto que só viríamos a conhecer mais tarde. Entretanto, fomos percebendo que a técnica responsável pelo acompanhamento do nosso projeto no EP perdera autonomia e que todas as questões previamente acordadas/combinadas foram postas em causa.

2019 DEZ

No dia da apresentação aberta às famílias, não havia muitas famílias presentes e percebemos que muitas das pessoas privadas de liberdade não tinham visitas. Contudo, o projeto tinha sido pensado de forma a incluir as famílias dos participantes, valorizando a relação entre quem está dentro e quem está fora. O que poderíamos fazer a partir daqui? Optámos por repensar o projeto, de modo a contornar esta situação e a incluir quem não tinha família.

2020 JAN-MAR

As oficinas de escrita implicavam que cada participante tivesse um caderno que se tornou um objeto muito importante, pois a escrita continuava para lá do tempo da oficina e era uma forma mais pessoal de comunicação.

2020 MAR

Iniciámos as filmagens, realizando entrevistas individuais aos participantes.

MAR 2020 - SET 2021

Apenas com três dias de filmagens concretizados, foi decretado o estado de emergência devido à pandemia COVID-19 e fomos impedidos de continuar o projeto. Durante dezoito meses tentámos regressar ao EP e nunca fomos bem-sucedidos, porque continuavam os constrangimentos devido à pandemia. Voltámos a reajustar o projeto, indo de encontro aos planos de contingência, mas continuámos sem poder regressar ao EP. Tentámos, uma vez mais, sem sucesso, marcar uma reunião com o Diretor Geral da DGRSP, numa tentativa de desbloquear esta situação, uma vez que tínhamos conhecimento de outros projetos que já decorriam noutros EPs.

Durante este período, continuámos em contacto com o EP, mantendo-nos informados sobre a situação de cada participante, enquanto iniciámos uma troca de correspondência com cada um deles. Esta correspondência pretendia não apenas saber da sua situação, como também dar continuidade ao projeto, lançando desafios artísticos via correspondência. Entretanto, alguns desses participantes saíram em liberdade e/ou passaram a estar em regime de prisão domiciliária, pelo que filmámos com eles quatro episódios da série, fora do EP.

Percebemos que o material gerado através da correspondência tinha o potencial de ser replicado ou trabalhado artisticamente e por isso captámos novos financiamentos junto da Câmara Municipal de Lisboa e da Câmara Municipal de Oeiras, para que artistas de várias áreas pudessem trabalhar a partir dos materiais enviados pelos participantes.

Esgotada a via de comunicação epistolar, realizámos ainda algumas sessões de vídeo-conferência com os participantes.

SET - NOV 2021

Para retomar o projeto foram pensadas uma série de oficinas de música que poderiam contribuir para formar um novo grupo e ainda para ficarmos a conhecer os participantes de modo mais profundo.

NOV 2021 - MAR 2022

As oficinas de escrita colaborativa foram repensadas para reajustar os conteúdos anteriormente desenvolvidos com os participantes do novo grupo. No decorrer da criação destes conteúdos, fomos solicitando os respetivos pedidos de autorização para filmagens; porém, a maioria destes pedidos não foram autorizados.

MAR – JUN 2022

Retomámos as filmagens com entrevistas individuais aos participantes e nos poucos espaços autorizados: ginásio, biblioteca e sala de trabalho. Na impossibilidade de filmar mais conteúdos dentro do EP, e como alguns dos participantes no projeto saíram entretanto em liberdade, adaptámos mais uma vez os episódios e realizámos algumas filmagens fora do EP, com a colaboração destes mesmos participantes.

JUL – DEZ 2022

Já fora do EP, e durante seis meses, procurámos estruturar e montar a série com os conteúdos até então produzidos.

Proseguimos os contactos com os participantes fora e dentro do EP.

2018/2019

As diretrizes do programa PARTIS iam de encontro à nossa vontade de trabalhar com pessoas em privação de liberdade. As equipas e o projeto foram delineados tendo em conta processos e práticas artísticas informadas por diferentes áreas, desde o teatro ao cinema, que se complementavam e integravam de forma transdisciplinar.

2019 JAN – AGO

Foram necessários oito meses para a implementação do projeto, em vez dos três meses inicialmente previstos. Esta alteração deveu-se sobretudo ao atraso na atribuição de um Estabelecimento Prisional (EP), por parte da DGRSP. Foi-nos atribuído o EP de Caxias, tendo o projeto sido bem acolhido pelo seu diretor que nomeou uma técnica de reinserção social para fazer o acompanhamento. No entanto, após termos ficado a saber que iríamos trabalhar no EP de Caxias, tivemos de reajustar o projeto inicialmente desenhado, pois este fora pensado para um EP de condenados e não de preventivos, onde as pessoas em privação de liberdade ainda não estavam condenadas e se encontravam numa situação de reclusão provisória.

2020 JAN – MAR

Durante as oficinas de escrita, iniciámos os pedidos de autorizações para filmagens dos conteúdos que estavam a ser desenvolvidos de forma colaborativa com os participantes em diferentes locais no EP; a saber: uma cela, o bar, o pátio, o corredor, a cela disciplinar, a enfer-

maria e a sala de atendimento. Após várias reuniões com a diretora do EP, em que foram apresentadas e explicadas as perspetivas artísticas de cada pedido, houve um novo período de espera para as devidas autorizações, uma vez que a diretora remeteu os nossos pedidos para a DGRSP. Neste longo período de espera, tentámos entrar em contacto com o Diretor Geral da DGRSP, sem sucesso. No final de fevereiro, e após repetida insistência da nossa parte, foram exclusivamente autorizadas filmagens de entrevistas.

SET 2021

Recebemos finalmente a notícia de que poderíamos regressar ao EP. Percebemos que o grupo inicialmente criado já não existia, pois muitos dos participantes tinham saído em liberdade e outros haviam sido transferidos de EP. Ou seja, seria impossível retomar o projeto no ponto em que o tínhamos deixado, aquando do estado de emergência. Teríamos de criar um novo grupo e reestruturar novamente todo o projeto, começando do princípio. concebemos, pois, um novo período de formação, que não estava inicialmente programado, de modo a preparar o novo grupo para a retoma da fase de filmagens. Estas já não contemplavam a rodagem de uma longa-metragem de ficção, uma vez que, por questões de calendário e conteúdos, decidimos concentrar energia na série documental.

NOV 2021 – MAR 2022

No decorrer das oficinas de escrita, fomos solicitando os respetivos pedidos de autorização para filmagens; porém, a maioria destes pedidos não foram diferidos.

MAR – JUN 2022

Iniciámos, então, uma série de reuniões com a Direção do EP, na tentativa de dialogar e de encontrar soluções e alternativas para a filmagem dos conteúdos. Foram várias as reuniões onde foi explicada a abordagem a cada espaço, havendo sempre flexibilidade da parte dos realizadores para adaptar as filmagens aos constrangimentos de cada espaço, sem nunca colocar em causa nem as regras, nem o normal funcionamento dos mesmos espaços, tampouco a segurança. No entanto, as limitações, os constrangimentos e os impedimentos não cessavam, tornando impossível concluir a rodagem da série. Tentámos, de novo, reunir com o Diretor Geral da DGRSP e ainda pedir à Fundação Calouste Gulbenkian para mediar este processo, sem sucesso.

JAN-SET 2023

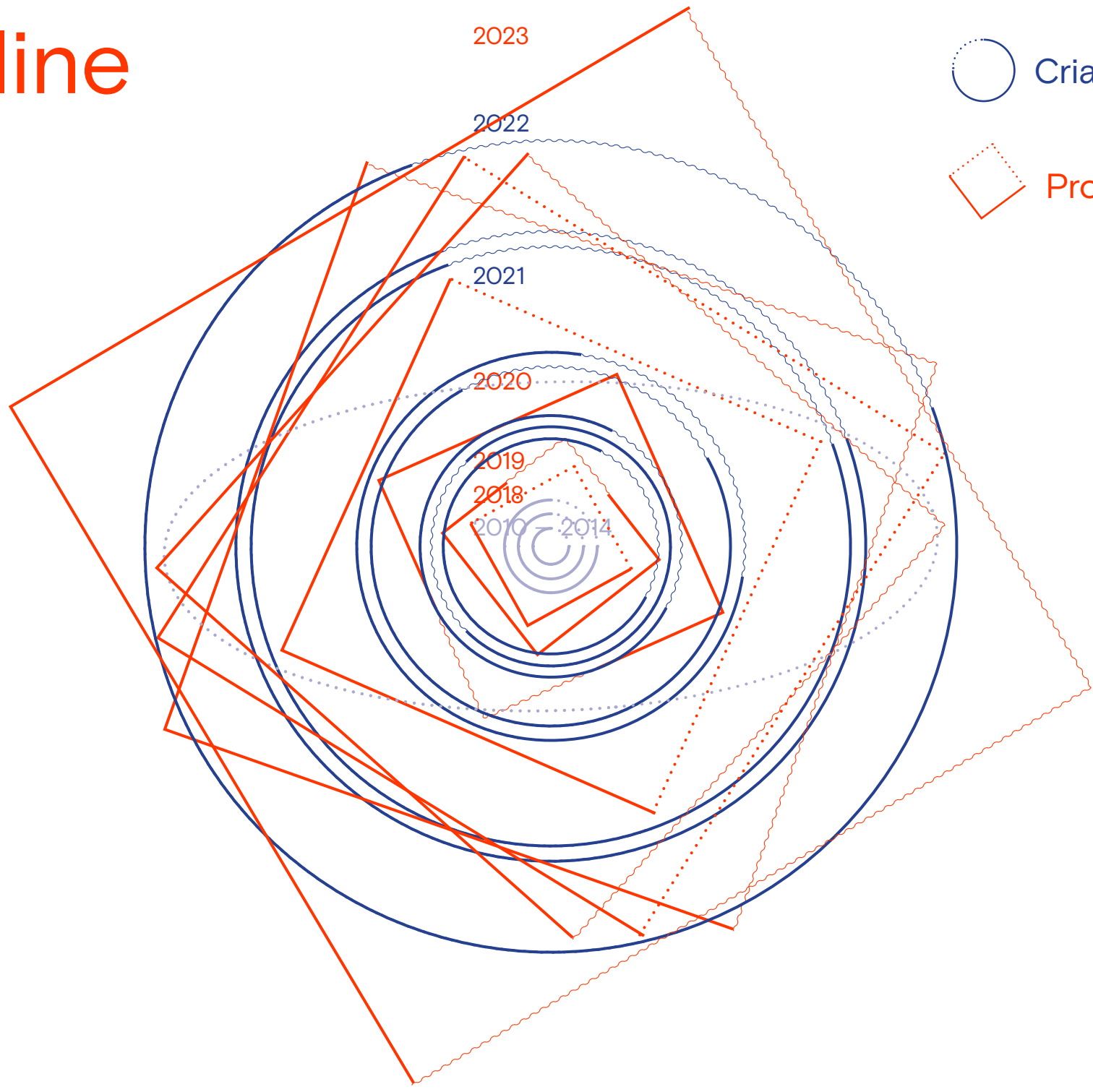
Relatar, arquivar, conversar e escrever em modo de reflexivo

Timeline

Lado P

○ Criação

◇ Produção



40

41

05

- 01. Contextualização
- 02. O que são prisões
- 03. Apresentação
- 04. Timeline
- 05. Entrevistas
- 06. Caixa de ferramentas
- 08. Conclusões

Entrevistas

Qual foi a motivação para este projeto? Porquê o projeto e a forma como o desenharam? Descreve um momento que te tenha marcado. O que correu como tinhas planeado e o que correu de forma diferente? O que farias de forma diferente e porquê? Que impacto teve em ti o projeto LADO P, a nível pessoal e profissional? O que mudou na tua reflexão sobre a liberdade?



Filipa Reis

Coautora, artista formadora,
produtora

Qual foi a motivação para este projeto?

Filipa: Nós já tínhamos vontade de trabalhar em contextos prisionais há algum tempo. Desenhámos um projeto, também de formação, com conteúdos audiovisuais, mas na altura não o conseguimos concretizar. Acabou por ser transformado numa série televisiva documental chamada *Liberdade*, transmitida na RTP2. Filmámos 13 episódios sobre pessoas que tinham, de alguma forma, a sua liberdade condicionada: um dos episódios foi filmado na Comunidade Vida e Paz com adictos, outro com mães solteiras a viver na Ajuda de Mãe, outro com um rapaz em prisão domiciliária. Pensar sobre liberdade, sobre um corpo que está restrinvido a um determinado espaço, indivíduos que não podem decidir livremente sobre a sua própria vida, são temas que sempre nos interessaram. Um estabelecimento prisional exponencia estas restrições. Portanto, pensar o conceito de liberdade a partir de uma prisão seria pensar um corpo fechado num espaço exíguo. Uma segunda motivação, de cariz artístico – quando se pensou no grupo

que iria trabalhar no projeto – foi a grande afinidade existente com a Maria Gil, a Sofia Cabrita e com o Teatro do Silêncio. Com a sua entrada o projeto evoluiu, deixou de ter apenas uma componente cinematográfica e passou a integrar áreas artísticas complementares. Construimos desta forma uma série de propostas, de exercícios, de partilha com a população prisional e os participantes no projeto, com a finalidade de criar um objeto audiovisual, uma série de televisão. Quisemos que esse processo de construção conjunta permitisse desenvolver ferramentas de escrita, de representação, de auto reflexão.

Porquê o projeto e a forma como o desenharam?

Filipa: Para mim, o projeto veio dessa vontade como realizadora, como criadora, de trabalhar um tema que me interessa. E também de um posicionamento político. Tenho uma forte convicção de que, como sociedade, não devemos tratar o encarceramento da forma como o estamos a tratar: refiro-me à forma como estamos a encarcerar indivíduos, a quem eles são e à razão por que são presos. Portanto, o porquê do projeto foi uma vontade política de analisar este contexto. O lado maravilhoso da nossa profissão é que se quisermos pensar determinado tema podemos

colocar-nos no sítio certo para o fazer. Começámos a pensar em conjunto no que cada um de nós queria fazer no contexto prisional, o que nos interessava pensar humanamente, que relação gostaríamos de criar com os participantes, que regras existiriam entre nós de cuidado com o grupo que ia ser criado, como é que iríamos constituir esse grupo de participantes. Houve também um desenho de abordagem à própria instituição, numa tentativa de a envolver como um todo, incluindo quem trabalha na prisão. Ao mesmo tempo, queríamos envolver as famílias dos participantes – isso para nós era importante, vem de obras que realizámos anteriormente, o *Cama de Gato* (2012), o URBE, também apoiado pelo PARTIS, projeto com familiares e amigos de reclusos, em que percebemos como vive e se sente quem está do lado de fora, da existência de preconceito, de marginalização.

No desenho deste projeto houve a preocupação de pensar na abordagem a cada uma destas frentes. Por um lado, como é que nos iríamos relacionar com o grupo de reclusos que ia ser constituído; por outro lado, como poderíamos entrar na instituição com respeito pelas pessoas que lá trabalham e conhecem esta realidade muito melhor que nós. Por isso foi muito importante o estabelecimento de relações com os funcionários prisionais para percebermos como devíamos estar, como nos devíamos compor-

tar. Uma das técnicas de reinserção social com quem trabalhámos foi inexcedível na ajuda que nos deu: fizemos sessões, conversámos; partilhámos ideias, ajudou-nos a pensar que tipo de reclusos faria sentido convidar para o projeto e fez propostas diretas, fez o contacto individual com cada um, por saber que há pessoas para quem este projeto poderia ser importante mas que nunca se iriam inscrever. Fica aqui o agradecimento especial à Sandra Setas.

Juntámos a equipa com a consciência da importância destas três frentes (participantes, familiares, instituição) e do modo certo para as abordar, pensando como poderíamos incluir as famílias e como cada um de nós poderia contribuir para a implementação do projeto. A Maria e a Sofia colaboraram sobretudo na expressão dramática, na escrita, por estarem muito habituadas a criar objetos artísticos que partem de contextos específicos e de um trabalho colaborativo com determinadas comunidades. Eu e o João Miller também estávamos muito habituados a fazer isso no cinema. Portanto, desenhámos um conjunto de sessões de trabalho com os reclusos pensando profundamente no que estávamos a propor – mais escrita ou mais performativo, como abrir e fechar estas sessões, como desbloquear o diálogo, que temas abordar, como é que nós, através destas sessões, criamos um grupo e fazemos parte dele; como criar espaço indivi-

dual em cada exercício para trazermos a nossa matéria, os nossos dilemas, connosco também, o que muitas vezes implicava fazer os exercícios propostos. Não nos interessava entrar na zona da vitimização e da acusação; sabemos que há imensos problemas quotidianos dentro de uma prisão mas tínhamos uma vontade muito maior: que os participantes percebessem, “isto é sobre ti, é para ti, não é para te queixares do guarda”. Sempre que o diálogo desviava para a crítica era reposicionado para o indivíduo, para o conflito interno, porque o nosso trabalho foi sempre tentar chegar a essa individualidade.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Filipa: As entrevistas. O momento que mais me marcou foi quando construímos uma caixinha preta (tinha a ver com a iluminação) onde sentámos os participantes e fiquei longamente a falar com cada um deles. Foram momentos mágicos, de uma partilha e humanidade raras; não senti isto muitas vezes na vida, momentos em que a intimidade criada com aquela pessoa te é devolvida, em que existe confiança e parece que chegas mais próximo da alma do outro. Passamos da vitimização para algo mais profundo, mais complexo, vemos o outro na sua complexidade, o que

é bom e o que é mau, o que é agressivo e o que é terno. Nestes momentos sinto que somos todos iguais, na nossa humanidade, estamos todos aos mesmo nível. Os problemas de uns e de outros podem ser diferentes; as oportunidades e os caminhos de vida de uns e de outros podem ser diferentes. Mas há uma base humana que nos torna iguais; somos todos um.

O que correu como tinhas planeado e o que correu de forma diferente?

Filipa: O aprofundar de relação com os meus colegas cumpriu-se. Temos um entendimento incrível, artístico e sobre a vida, sobre a forma como nos queremos posicionar em relação ao outro. Houve momentos duros (a COVID, por exemplo) mas em momento algum senti que queríamos ou pensávamos de modo diferente, senti que crescíamos. E há essa base que nos tinha juntado, que é muito sólida. Isso correu como tinha planeado, essa certeza de que era com estas pessoas que queria fazer o projeto. Passámos muitas horas e muitas aflições juntos. A nossa relação como um todo, com todas as dificuldades por que passámos, correu como tinha planeado.

A pandemia não estava planeada, impossibili-

tu-nos de avançarmos com o projeto. Antes da COVID tudo fluía: a diretora do Estabelecimento Prisional de Caxias foi ver o espetáculo que fizemos e para o qual convidámos as famílias; estava muito envolvida e iria, inclusivamente, participar na série. Havia uma ala desativada de celas que estava em transformação e que poderíamos usar para os nossos exercícios e filmagens. Estávamos convictos de que se não houvesse autorização para filmar nas celas teríamos essa alternativa. Sempre soube que seria difícil o acesso às celas, apesar de isso já ter sido feito em muitos outros países, e até em Portugal, onde existem filmes que foram filmados nas celas; havia constrangimentos, como esperado, mas achei-os naturais, percebia porque existiam e pensava em como os contornar e integrar.

A COVID e o confinamento foram totalmente inesperados – tínhamos um grupo formado, no início das filmagens, com as entrevistas já feitas, de repente, vemo-nos impedidos de continuar. Foi terrível e repentino para o mundo, mas imagino que para os reclusos tenha sido ainda mais difícil: não há visitas, os projetos todos parados, incerteza sobre o futuro. Acho que foi incrível a forma como ultrapassamos esta situação: começámos as cartas, a troca de correspondência, repensámos as parcerias artísticas. Foi uma fase muito criativa, apesar do drama envolvido. Combinámos reunir por Zoom e foi interessante.

O pós-COVID foi igualmente terrível. Quando começámos a abrir, foi um absoluto desastre, percebi que a série que tinha escrito e desenhado, que todas as cenas que tínhamos pré marcadas, não poderiam afinal ser realizadas por falta de autorização. Mesmo as vídeo-cartas, que estávamos a começar a fazer, também não puderam ser filmadas nos locais escolhidos. Foi difícil; temos um objeto final muito condicionado e, na minha opinião, sem razão. Gostaria de ouvir quem não nos deixou entrar, quem não nos deixou filmar, porque acredito que este projeto é de uma enorme urgência, profundidade e humanidade e, sobretudo, muito relevante para o público em geral, ou seja, para a sociedade. E é para a sociedade que nós e os reclusos participantes estávamos a falar. A nível de comunicação para a sociedade a série está boa, mas ficou muito aquém do potencial que tinha este projeto, sinto alguma mágoa por isso, deixa-me um sabor amargo termos sido impedidos de concretizar algo que poderia ser mais profundo e que estava prestes a acontecer.

O que farias de forma diferente e porquê?

Filipa: Por um lado, gostaria que nos tivessem autorizado filmar o que queríamos. Que permitissem

que o objeto final fizesse justiça ao processo e aos reclusos que nele participaram. É muito triste trabalhar tantos anos e sentir o medo paralisante por parte das instituições, principalmente da Direção dos Serviços Prisionais. Há falta de condições, há muitos problemas. O nosso trabalho não pretendia denunciar isso. Pretendia problematizar e trazer esse debate para a sociedade. Foi absurda a forma como nos vedaram o acesso ao interior da Prisão de Caxias. Diz muito sobre a forma como estamos a viver a democracia. Por outro lado, a um nível mais pessoal, mais meu, da Filipa, não só político ou artístico, sinto-me triste por não ter tido condições pessoais e emocionais para finalizar o projeto — a dado momento, por motivos pessoais, desvinculei-me do projeto e gostaria que isso não tivesse acontecido. Mas o projeto está terminado, está aqui, está bom. Estou orgulhosa. Não estive envolvida no projeto os anos todos que os meus colegas estiveram, com a mesma intensidade; mas acompanhei, embora não tivesse realizado todos os episódios da série.

Que impacto teve em ti o projeto *LADO P*, a nível pessoal e profissional?

Filipa: Pessoalmente, gosto muito de trabalhar nestes contextos, mas percebi que tenho de estar em forma emocionalmente, que não consigo fazer apenas projetos que tenham esta dimensão social e política, em contextos difíceis, com temas complexos, em locais onde as pessoas não estão onde querem estar. Percebi que tenho de estar estruturada para conseguir fazer este tipo de projetos, porque são pesados. Há um impacto que eu conhecia, tinha consciência das implicações a nível pessoal e emocional. Confirmei que quando não estamos equilibrados estes trabalhos são impossíveis, porque se baseiam na troca — tu estás a dar e estás a receber. É duro, também, lutar contra as barreiras que nos foram impostas, querer filmar e não poder, querer entrar e não sermos autorizados. Deveria haver muitos projetos nos estabelecimentos prisionais: são fundamentais para a integração social e para que diminua o número de pessoas presas e o número de reincidentes.

Acredito que processos/projetos como o *LADO P* são transformadores, porque o que estamos a fazer é desafiar o indivíduo, dotá-lo de ferramentas que são humanas, são artísticas, são capacitadoras — estamos a contribuir para dar confiança, ânimo. Acredito plenamente que, se esta abordagem fosse estruturada e permanente, os casos de reincidência diminuiriam. Mas bloquearam-nos. É difícil conseguir encontrar quem

queira ir trabalhar no meio prisional e quem tem vontade de o fazer é bloqueado. Parece-me absurdo. É preciso estar ao nosso lado a ver o que estamos a fazer, a ver os resultados do que estamos a fazer. É muito revoltante!

Quanto ao impacto profissional, foi este tipo de projeto que fez de mim realizadora, que gostaria de continuar a fazer; mas por vezes é preciso lutar para conseguir lá chegar — a energia necessária para entrar lá dentro, começar um projeto e concretizá-lo por vezes esbarra numa força antagónica, parece que estás a ser cuspid! Estou a fazer algo que sei que é útil, que é bom, para mim, para o outro, socialmente, tenho a certeza que resolve alguns problemas, pelo menos para as pessoas com quem vou lidar. Mesmo que sejam apenas vinte pessoas, são vinte pessoas em quem o nosso trabalho pode causar impacto, poder ser transformador para as suas vidas.

Sinto que estou a distanciar-me destes contextos, profissional e artisticamente, porque a energia que temos que ter é tão grande que, com os anos, acabas por direcioná-la para outras coisas. E isto entristece-me. Penso muito numa forma de poder continuar a contribuir, a pensar e a atuar sobre questões que considero importantes, a devolver, a colaborar. Acho que é uma coisa que me faz muito bem a mim, que me põe noutra lugar, num lugar muito mais interessante, humana e

politicamente; Sei que é mútuo, que também vai ser interessante para quem conviver comigo.

O que mudou na tua reflexão sobre a liberdade?

Filipa: Houve uma espécie de confirmação profunda de que as coisas não deveriam ser assim, uma certeza absoluta de que há pessoas que estão ali e para quem aquela não era a melhor solução. Ou seja, não ponho em causa a necessidade da existência de prisões, mas estou a pensar no indivíduo. Mesmo fazendo este projeto continuo sem saber o que é estar em privação de liberdade; mas se falarmos só do espaço, de como está o corpo naquele espaço – a claustrofobia que tu sentes é tão grande, tão impactante, que muda completamente a tua perceção, acentua todas as tensões que há em ti. Parece que aquele espaço é um potenciador de sarilhos, de más reações, de conflitos, de violência física e psicológica. O espaço da prisão é mesmo muito violento, e é preciso pensarmos muito bem no que fazemos cada vez que, como sociedade, lá pomos alguém dentro. Não falo apenas de condições físicas, do conforto das celas, falo de todas aquelas pessoas ali fechadas, naquele espaço, falo do que vão fazer durante todo o dia. Como é que estas pessoas passam o tempo? Será que a forma de

passar o tempo não potencia as características que as levaram para ali? Como é que a prisão as vai ajudar, as vai conseguir pôr noutra sítio? Como é que lhes vai dar outras ferramentas? Como é que as vai transformar, sem as danificar mais?

João Miller Guerra

Coautor, artista formador,
realizador

Qual foi a motivação para este projeto?

Miller: Nós preparámo-nos para fazer uma série chamada URB cuja premissa era ser uma espécie de telenovela nos bairros sociais e em que cada episódio era realizado por diferentes pessoas. De repente, uma das pessoas do bairro tinha um irmão preso e começámos a escrever um episódio que incluía visitas a um irmão preso. Nos outros bairros também havia já essa referência: obviamente, havia uma data de pessoas presas, ou já com processos, mesmo no nosso documentário *Li Ké Terra*, estávamos sempre no limite de ver quando é que a coisa descambava, com uma acumulação de não sei quantas coisas em

tribunais, até as pessoas serem finalmente serem presas. Portanto, acho que esta ideia de trabalhar nas prisões começou aí.

A motivação era entrar numa prisão, nós tínhamos essa curiosidade; ou seja, queríamos filmar o lado de lá, porque cada vez conhecíamos mais pessoas do lado de cá ligadas a pessoas que estavam lá dentro, e sentíamos que, no fundo, as pessoas que estão cá fora estão tão presas como quem lá está dentro.

Ouvíamos falar de visitas, ouvíamos falar de revistas, ouvíamos falar de injustiças e de abuso de poder – ouvíamos falar de uma série de coisas que pareciam estar escondidas atrás daqueles muros cegos. E lembro-me que nesse projeto, tal como no *Lado P*, havia essa ideia de tentarmos filmar lá dentro.

Porquê o projeto e a forma como o desenharam?

Miller: Aquilo que tentámos fazer juntos foi a pen-

sar em trocas, ou seja, baseados também no nosso método de trabalho nos documentários que fazíamos, em que é muito importante que exista uma partilha de intimidade. Acima de tudo a palavra com que ficamos é essa – “partilha”. Partilhamos momentos, intimidade, histórias, e portanto acho que quando vamos para o *Lado P* já vamos muito com essa certeza de que tem de haver partilha. É nesse lugar de partilha que se constroem oficinas, *workshops*, e todas as coisas que depois desenhámos para o *Lado P*. Eu acho que essa ideia de entrarmos para dentro de uma prisão e fazermos uma série de televisão e um filme é para tirar de “detrás das grades” assuntos que queríamos mostrar. Era para trabalhar essa problemática e acabar com esta ideia de que o que está ali atrás daquela “cortina” não interessa. O projeto era fazer os reclusos re-interessarem-se pelo mundo cá fora para que, quando voltassem a ser integrados na sociedade, tivessem mais ferramentas. Queríamos despertar a sua curiosidade também por nós, pelas nossas histórias, pelas nossas pessoas, pelas nossas vidas e diminuir o fosso, humanizando.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Miller: Um dos momentos que mais me marcou foi

quando filmámos, para a série de televisão, o exercício sobre a história das cicatrizes, mostrando que, por trás, debaixo de cada cratera, cada marca, cada rasgão que nós guardamos na pele, existe uma história; e a maior parte delas, obviamente, são histórias de violência e, se calhar, histórias de falta de acesso a hospitais, histórias de falta de tratamentos e de exposição a uma grande violência no quotidiano. Também me marcou o exercício das fotografias que tem a ver com a memória, onde um dos nossos rapazes, às tantas, faz uma fotografia vazia, alguém que não se lembra de nada, onde a memória, ou por defesa ou por falta de recursos, apagou completamente o que poderia estar marcado naquele cérebro, e não há vontade sequer de resgatar uma memória, pois não são muitas as memórias presentes, ou todas as memórias são más.

Houve momentos muito fortes.

O poema do F., quando ele de repente nos diz que faria um arroz para a mulher que ama, com o sal das lágrimas dela.

Momentos incríveis, muitos. Quando o S. canta uma música da Moldávia e de repente aquela figura, aquele homem enorme começa a cantar uma música dedicada ao filho.

O que correu como tinhas planeado e o que correu de forma diferente?

Miller: Em relação à forma como desenhámos o projeto e às pessoas com quem trabalhámos correu tudo como tínhamos pensado. Ou seja, houve essa troca, houve interesse pela diferença, pelo outro, houve uma troca e uma presença física e psicológica nas cabeças uns dos outros. Sentimos verdadeiramente a importância de lá irmos, por mais duro que fosse ficarmos ali, também “presos” com eles. Era dura a ideia de irmos para lá fazer as sessões; custava acordar e ir para uma prisão. Valia a pena a forma como saíamos de lá: respirávamos de alívio e de felicidade por termos tornado o dia daquelas pessoas um bocadinho mais fácil.

O que correu de forma diferente foram todos os entraves com os quais nos deparámos, toda a miséria que já sabíamos que havia do outro lado, toda a incapacidade de ajudar e de reconhecer que os problemas são sempre os mesmos e de conseguir que as coisas mudem minimamente para melhor, de dia para dia. A consciência que ganhas da falta de meios, e a descrença absoluta no sistema e em quem lá está e muitas vezes não tem culpa, mas também já lá está há muitos anos e portanto também já se afeiçoou, ou

62

já se deixou domar pelas condições; e pura e simplesmente as coisas não avançam e aquelas pessoas ali são obviamente o fim da linha, o elo mais fraco, são elas que depois se ressentem na sua fraca condição. Nós percebemos que muitas daquelas pessoas tinham problemas emocionais gigantescos, que derivam de serem pobres, de terem poucos recursos e de os pais deles também já terem tido e portanto eles terem sido educados assim. Enfiá-las numa caixa não significa melhorar a vida destas pessoas; melhora sim a vida das outras pessoas, que não se veem obrigadas a viver com as pessoas que têm estes problemas; mas não melhora a vida de quem está em privação de liberdade, a solução não deveria ser a privação de liberdade.

O que farias de forma diferente e porquê?

Miller: Há uma grande inércia que tem origem numa grande pobreza; ou seja, estamos num país com poucos recursos. E cá fora existe esta conversa normal de distinguir uma pessoa que fez asneiras de outra pessoa que cresceu exatamente com as mesmas condições e conseguiu não fazer asneiras. Então nós vamos ajudar as pessoas que não fizeram asneiras, e as pessoas que não fizeram asneiras estão cá fora, pois, apesar de tudo, vi-

vendo nos mesmos meios, não são tão violentas – tendo vivido episódios talvez muito parecidos, resolveram não se descontrolar e não tiveram um desequilíbrio emocional, por este ou por aquele motivo; por isso, não foram julgados, nem foram enviados para a prisão.

Na verdade, o sistema parece errado, porque as pessoas que não se conseguiram controlar, e que são enfiadas nestas caixas e privadas de uma vida normal, se calhar são quem mais precisa de ajuda. Mas não parece justo deixar de ajudar as pessoas cá fora, para ajudar aqueles que foram condenados... Na verdade, não deveríamos ter de escolher, e devíamos poder ajudar todos. Não há dúvida nenhuma que todas estas pessoas precisam de ajuda e isto é a grande questão – é preciso ajuda, é mesmo preciso ajuda! Não vale a pena achar que o sistema funciona, fazendo-os reconhecer que erraram: eles vão lá para dentro, e toda a gente sabe que a prisão é uma espécie de universidade do crime, onde uma pessoa que entra por ter roubado o pão para dar ao filho sai de lá com amigos ancorados nessas dificuldades que já tiveram e que os puseram lá dentro. Lá dentro, é impossível fazer amigos de outra natureza, que não seja amigos de negócios menos lícitos. E assim, de repente, a coisa até se torna mais fácil quando tu saís, mas é exatamente num caminho inverso.

Tenho de reconhecer que houve uma espécie de instinto que também me fez afastar, ou seja, mui-

to honestamente, a dada altura, comecei a pensar “eu também tenho de me proteger, não vou conseguir fazer isto, não quero voltar para aqui; tenho pena destas pessoas, adorava conseguir ajudá-las, mas eu próprio também não quero continuar aqui”. Depois também se passaram outras coisas na minha vida, mas, na verdade, acho que também tem a ver com ter uma certa idade – acho que há uma idade qualquer em que te apetece ripostar, e acho que quando nós os dois, a Filipa e eu, fomos expostos a estes contextos, apeteceu-nos imenso politizar e ripostar, perceber porque é que as coisas se fazem desta maneira. E este filme que estou agora a fazer ainda é isso. Mas as prisões são um mundo muito duro e, de repente, tu percebes que sozinho não vais conseguir fazer nada – aquilo é muito difícil! Por isso, de uma forma um bocado egoísta, pensei “não tenho ninguém preso nas minhas relações diretas que me obrigue a continuar aqui”; uma pessoa também se refugia, também se esconde e se defende...

Que impacto teve em ti o projeto *LADO P*, a nível pessoal e profissional?

Miller: Acho que todos nós ficámos muito zangados,

porque tu partes para esta coisa com um ideal político qualquer: acreditas que se tu fizeres frente, tu que tens meios, tu que tens educação, as portas abrem-se e consegues fazer que as coisas aconteçam. Posso dar um exemplo muito simples dos motivos desta zanga — acho que se a Gulbenkian também tivesse batido o pé, se tivesse dito “nós, como instituição, achamos que isto que aqui se está a passar é completamente inaceitável e queremos juntar a nossa voz a este grupo de pessoas que está aqui a tentar fazer um projeto e não consegue; queremos poder entrar na DGRSP; queremos ter uma conversa com os ministros, ou com as pessoas que apoiam ou desapoiam esta política, e queremos que nos expliquem porquê: porque é que não se conseguem fazer as coisas, porque é que não se pode usar Caxias para fazer um projeto piloto, que mostre como se podem mudar as coisas por dentro?”.

Como é que foi o processo de escrever a série, antes e depois de lá estares dentro?

Miller: A dado momento, por indisponibilidade minha, a série acabou por ter também um outro realizador, o Pedro Cabeleira; ele também fez a

série comigo e eu só realizei alguns episódios. Houve muitos atrasos devido à pandemia COVID-19 e às faltas de autorização e eu já tinha outros compromissos; mas confesso-te que, quando saí do projeto, senti algum alívio. No *Lado P*, como realizador não conseguias que te dissessem “sim” a nada — não há corredores; não há celas; não há aquilo que a gente até às vezes vê que corresponde ao ideal de uma prisão nos filmes... não é possível filmar nada em Portugal! Nós, pelo menos, não conseguimos! Não conseguimos filmar uma casa de banho, uma cela, um duche de homens, um pátio livre com eles a jogarem, com diálogos e conversas... aquilo que todos nós imaginamos ser a “natural” convivência numa prisão.

Mas porque é que não se pode fazer uma série documental dentro de uma prisão, em Portugal?
O que é que há dentro de uma prisão que não se possa mostrar?
Estamos a esconder o quê? Seria importante perceber que este trabalho não era sobre denúncia; ou seja, o *Lado P*, partiu de um diálogo institucional.

E mesmo que houvesse alguma acusação, depois viria uma defesa e assim se poderia iniciar um diálogo que eu creio ser interessante para todos.

Que impacto teve em ti a masculinidade nas prisões?

Miller: Acho que há uma doença de excesso do masculino, e ali é absolutamente sufocante; é horrível.

Não é só na prisão; encontro isso noutros meios por onde trabalho. É triste como ainda prevalece o “tu não podes dar parte de fraco”, “um homem não chora”, a ideia de que não podes ser acarinhado, abraçado, por outro homem. O homem tem de ser forte: “aguenta, bebe um *shot* de uísque e engole o que se passa contigo”. O período na prisão poderia ser um espaço de abertura, porque tens tempo, para te expores, para seres vulnerável. Mas não, porque ali vestes o casaco de que tens de te safar, está toda a gente a viver o pior da sua vida, tens de ser um pulha e não podes confiar em ninguém; é horrível!

Daniela Soares

Coordenadora e diretora
de produção

Quando foste convidada
para fazer parte do *Lado P*
que expectativas tinhas e o
que mudou após as ofici-
nas/sessões?

Daniela: Trabalhar em prisões era já uma ambição bastante antiga. Desde que comecei a trabalhar com a Filipa e o Miller, em 2008, no decorrer dos projetos que fomos desenvolvendo e na convivência com as pessoas que fomos conhecendo, fui por diversas vezes confrontada com a realidade do sistema prisional: um irmão preso, um namorado preso, o pai do filho preso, o primo preso. As histórias das prisões, e dos familiares que estão presos, é um assunto que foi surgindo no contexto dos nossos projetos, e pelo qual me comecei a interessar. Também a nível pessoal, a aproximação à realidade prisional evoluiu de uma forma muito particular. Desde então que a vontade de desenhar um projeto para ser desenvolvi-

do em prisões ficou nas nossas mentes.

Em 2011, e no seguimento da série documental *BI*, que produzimos para a RTP2, adaptámos o formato ao contexto prisional, mas não conseguimos autorização da DGRSP para o implementar. Quando em 2019 surgiu finalmente a possibilidade de entrarmos no meio prisional e desenvolver um trabalho artístico com pessoas privadas de liberdade, senti-me inundada por um misto de sentimentos: alegria, entusiasmo, vontade, curiosidade, expectativa e receio. Durante o decorrer do projeto todos estes sentimentos continuaram presentes em mim, num género de montanha russa que subia e descia numa velocidade vertiginosa, acompanhando os desafios e as fases do projeto.

Sinto que o meu olhar sobre as prisões mudou, que a minha experiência com este projeto me levou a um conhecimento bastante profundo sobre o sistema prisional e toda a sua complexidade. Se antes apenas conhecia o lado dos reclusos e das suas famílias, agora conheço também o lado do sistema (prisional).

O que correu como tinhas
pensado/planeado? O que
correu de forma diferente?
Quais os motivos?

Daniela: Começando por uma visão geral do projeto inicialmente desenhado, bem como dos produtos artísticos pensados, há dois tópicos que quero destacar:

1) Filme (objeto artístico)

Com a implementação do projeto e o desenvolvimento do mesmo, bem como com o conhecimento prático que fomos adquirindo sobre o contexto prisional, rapidamente percebemos e nos deparávamos com limitações a vários níveis: institucionais, burocráticos e humanos. Constatamos que, mesmo ultrapassadas as questões legais e burocráticas ao nível da utilização de espaços, entrada da equipa e do equipamento, autorizações para filmagens, o que, em si mesmo, é um processo complexo e moroso, teríamos de lidar com constrangimentos por vezes incontornáveis, da parte da população laboral do estabelecimento prisional. Falamos, essencialmente, da equipa do corpo da guarda prisional. Qualquer movimento dentro do EP, quer da nossa parte, quer dos participantes do projeto (reclusos), é monitorizado pelos guardas prisionais. E, neste sentido, o sucesso ou insucesso das nossas atividades dependem de quem nos recebe e da sua boa vontade (ou falta dela).

Com este conhecimento de campo e com o trabalho desenvolvido nas sessões conjuntas e

colaborativas de criação de conteúdos para a série, foram sendo levantadas várias questões/temas que se cruzavam com as cenas ficcionadas já pensadas para o filme. Tornou-se evidente que o conteúdo dos dois produtos se iriam cruzar. Assim, optámos por deixar cair o filme e a ficção e dedicarmo-nos exclusivamente à série e aos conteúdos documentais.

2) Pandemia COVID 19

Com a chegada da pandemia COVID 19, o projeto ficou fisicamente interrompido durante algum tempo. Com esta interrupção, perdemos o nosso grupo de participantes, tendo em conta que durante este período vários participantes saíram em liberdade, ou foram transferidos de estabelecimento prisional. Ao regressarmos ao EP para retomar o projeto, foi necessária uma reestruturação da ideia inicial e foram dados vários passos atrás relativamente ao ponto em que o projeto fora interrompido, pois tivemos de começar a trabalhar na criação de um novo grupo de participantes. Neste sentido, a pandemia foi um ponto de viragem na lógica inicial do projeto, que pretendia que houvesse uma consistência nos participantes durante os três anos do mesmo, de forma a que pudesse haver um acompanhamento da evolução dos participantes em todas as etapas do projeto.

O que farias de forma diferente e porquê?

Daniela: Envolveria a equipa técnica/accompanhamento de reclusos do EP de forma ativa, para que assumissem um compromisso participativo no projeto.

Que impacto teve em ti, na tua prática artística e na tua relação com o contexto prisional (sistema prisional, reclusos, etc.) a participação neste projeto?

Daniela: O impacto deste projeto em mim foi brutal. Foram quatro anos de envolvimento num contexto difícil, duro e sombrio. A dureza e a vulnerabilidade do contexto prisional foram intrínsecas à implementação do projeto e ao desenvolvimento do trabalho e tornaram-se totalmente indissociáveis da envolvimento a nível pessoal.

Introdução ao contexto

[a curiosidade; a expectativa, a ansiedade – estás finalmente a trabalhar dentro de uma prisão]

- ◇ Começas a conhecer e a entender as dinâmicas do estabelecimento prisional: horários, rotinas, espaços.
- ◇ Conheces as diferentes equipas, o modo como funcionam e as suas hierarquias: direção, equipa técnica, equipa médica, jurídico, guardas-prisionais.

Introdução ao grupo

[da minha parte: o entusiasmo; a curiosidade; a empatia / da parte do grupo: a agitação, a timidez, a curiosidade, a desconfiança – são muitos, são agitados e estão a tirar-nos as medidas – a ti, e ao projeto]

- ◇ Apresentas-te. Apresentas o projeto.
- ◇ Conheces o grupo. Conversam. Primeiras impressões, várias questões.
- ◇ Despedes-te com a promessa de que voltas passados dois dias. Quantos deles vão voltar? O compromisso.

Criação de grupo / atividades

[o compromisso, a, a curiosidade mútua entre as partes]

- ◇ Desenvolves as atividades e vais conhecendo melhor o grupo.
- ◇ A envolvimento de cada um, a persistência, a assiduidade, a pontualidade, a dedicação, a vontade, a evolução.
- ◇ Ganhas relação. Conheces melhor.

Do grupo para o individual

[a envolvimento, a empatia, a confiança, a partilha]

- ◇ Com o decorrer do projeto, das atividades, da relação, da regularidade comesas a conhecer cada um dos participantes de forma individual.
- ◇ Conheces as suas histórias. A confiança está estabelecida, a partilha acontece.
- ◇ Ouves as histórias, os problemas – tudo paralelamente ao desenvolvimento das atividades do projeto – Sais do EP a pensar no que ouviste. E agora? O que fazes com essa informação? Guardas. É demasiado pessoal. Não, tem de ser exposto – são problemas transversais. São?

Do individual para o produto artístico

[a partilha, a confiança, a denúncia]

- ◇ Relacionas-te com esta informação, com estas histórias, com estas pessoas. Trabalhas sobre elas, e de forma colaborativa. Acontece a criação.
- ◇ Sais do EP, os pensamentos continuam. Como

podes ajudar?

Do individual para o produto artístico, do individual para ti

◇ Denúncias? Partilhas? Procuras ajuda? O que podes fazer? E se?

O objeto artístico

O projeto continua. Entrás numa nova fase de atividades: filmagens.

[a frustração, o abre olhos, o incrédulo, a impotência, a resiliência]

- ◇ Deparas-te com um turbilhão de impossibilidade, de problemas, de questões, de limitações.
- ◇ Proibições, sucessivos pedidos não autorizados sem qualquer fundamentação.
- ◇ A inflexibilidade.
- ◇ As hierarquias revelam-se. As imposições também.
- ◇ O “não autorizado”, o “não é possível”, o “não vai acontecer”, o “não há qualquer hipótese”, o “não é não” passam a fazer parte do teu dia-a-dia.

◇ Como contornas? Como resolves? Como continuas sem pôr em causa nem o produto artístico, nem a relação e o trabalho construído com os participantes?

Descreve um momento que te tenha marcado.

Daniela: Entrar numa prisão é sempre tenso. O edifício é sombrio e cinzento. Os muros, as redes, o arame farpado, as torres de vigia e as câmaras são intimidadores. Estás do lado de fora e já sentes a tensão. O ambiente é hostil e pesado. Foram vários os momentos que me marcaram. Não houve idas à prisão que não me tenham deixado recordações. Umas boas, outras más. Mas o momento que mais me marcou foi a primeira ida à prisão como parte da equipa do *Lado P*.

A primeira ida à prisão nunca se esquece.

E eu não esqueço as minhas duas primeiras vezes, uma primeira vez como visita/familiar, outra primeira vez como coordenadora do *LADO P*.

O mesmo espaço – Prisão.

Daniela – visita / familiar

Daniela – coordenadora

do *Lado P*

Tudo muda.

Não sendo a primeira vez que entrava num estabelecimento prisional, e embora o fizesse num local diferente das visitas como familiar, não era

de todo um ambiente estranho para mim. No entanto, já tinham passado uns bons anos desde a última vez que tinha entrado numa prisão, e o nervosismo de voltar a entrar numa era evidente. Lembro-me de me pôr a pensar nas minhas anteriores idas à prisão.

Lembro-me de pensar na importância da escolha da roupa: roupa confortável, pouco justa, afinal é um ambiente de homens privados de liberdade e sem contacto com o mundo exterior.

Lembro-me de escolher sutiã sem aros para não apitar na máquina.

Lembro-me de toda a preparação mental para ultrapassar a tensão de voltar a entrar no estabelecimento prisional, passando pelo momento da identificação, da revista pelos guardas prisionais, do pórtico detetor de metais.

Um misto de tensão, nervosismo, inquietação e entusiasmo.

Ao chegar à receção do estabelecimento prisional toda esta tensão foi rapidamente destronada. O processo foi exatamente o mesmo que conhecia: identificação, revista, pórtico de metais. Diferente foi a forma como fui recebida. Do lado de lá, o julgamento foi substituído por curiosidade, o

“bom dia“ seco e pouco simpático passou a caloroso e o processo de revista deixou de ser tenso.

Em pouco menos de 15 minutos percebi que eu, Daniela, coordenadora do projeto *LADO P*, apesar de ser a mesma Daniela, familiar de um recluso que visitara, me tornara outra pessoa neste contexto. Aqui começou a minha reflexão sobre relações, sobre direitos humanos, sobre como tratamos os outros, sobre o sistema.

Maria Gil

Coautora, artista formadora

Quando foste convidada para fazer parte do *Lado P* que expectativas tinhas e o que mudou após as oficinas/sessões?

Maria: Eu fiquei muito entusiasmada quando a Filipa e o Miller me falaram da possibilidade de continuarmos a colaborar juntos, porque sempre que nos envolvemos em projetos juntos a coisa torna-se muito intensa, profunda, vivida e transformadora. Imagino que há diversas razões pelas quais as pessoas querem fazer projetos, as pessoas são em geral bem intencionadas, mas a motivação está muitas vezes fora ou não é clara, e isso não me parece favorável. A minha motivação não se prendia com nada externo a mim mesma, só com o prazer que sinto em trabalhar com amigos, em pensar e sentir em conjunto. Não digo que resolvemos problemas, agora há muito esta moda de dizer que a arte resolve problemas. Colocam-se muitas expectativas na arte, tal como a ideia de que a arte serve para qualquer coisa, que a arte faz bem... nos anos noventa as pessoas que faziam arte tinham de sofrer muito, se não se sofria era porque se estava a fazer mal; hoje, a arte tem de curar, tem de fazer bem ou tem de comunicar. Existe uma dimensão de comunicação em todos os trabalhos artísticos, pois toda a arte precisa do seu público, mesmo quando ele não está presente, e imagino que existam processos mais positivos do que outros, mas gosto mais de pensar que a arte não serve para nada e é esse não utilitarismo que me motiva, o espaço que abre fora da vida.

Nunca tinha pensado numa prisão para além de questões históricas e de me manter atualizada

8

sobre a situação dos presos políticos no mundo. Tinha participado em algumas campanhas da Amnistia Internacional que pediam a libertação de presos políticos em determinados países do mundo, mas não tinha nenhuma relação com a prisão, e achava que não conhecia ninguém que estivesse preso. Hoje, isso já não é verdade, nem eu penso assim; ou seja, a prisão passou a fazer parte da minha geografia pessoal. Por exemplo, sei que há dias em que passo, pelo menos, por cinco prisões: Linhó; Sintra; Caxias; Monsanto e Lisboa. Só esta localização, e deixar de pensar na prisão como uma abstração, teve impacto em mim. Como também depois das oficinas passei a conhecer muito mais pessoas à minha volta com familiares presos, e não me refiro a pessoas que conheci através do projeto, mas a pessoas do meu círculo pessoal e profissional que têm um familiar preso. Ou seja, o facto de nunca ter pensado uma prisão trazia não só muita inconsciência como muitos preconceitos, que fui esvaziando ao longo do processo. E posso dizer que, após termos realizado as oficinas, o meu posicionamento político mudou radicalmente – tornei-me uma abolicionista penal. Com isto quero dizer que as prisões, tal como estão atualmente em Portugal, só servem para esconder um problema e perpetuar violências múltiplas, legitimadas pelo sistema judicial. A prisão castiga, humilha e piora.

O que correu como tinhas pensado/planeado? O que correu de forma diferente? Quais os motivos?

10

Maria: Devido à pandemia da COVID-19, fomos obrigados a ficar afastados do nosso grupo durante bastante tempo, o que nos fez redimensionar o projeto e reduzir os conteúdos artísticos que iriam ser criados; tratou-se, no entanto, de uma situação extraordinária. Tirando isso, nunca tinha pensado que as prisões estivessem tão abandonadas, que aquelas pessoas, e falo de guardas, de técnicos, de pessoas privadas de liberdade... parece que o mundo se esqueceu delas; ou seja, a prisão é um lugar sem esperança. Ninguém parece ter esperança, e isso é desolador. As próprias pessoas que guardam e vigiam as pessoas privadas de liberdade parecem precisar de recuperação, precisar de ser cuidadas. Claro que há exceções, mas nunca tinha pensado que fosse tão mau como, na verdade, é. Por outro lado, nunca pensei que um grupo de homens nos fosse acolher tão bem. Estava com algum receio dos papéis normativos que se impõem em situações mais tensas e de não reagir bem à masculinidade tóxica de lugares onde não nos é possível sermos frágeis. Mas senti-me mui-

to bem acolhida pela pessoa que sou; nunca tive de fingir nada; não fui obrigada a ser simpática ou antipática.

Nos trabalhos com a comunidade, é normal as pessoas forjarem uma espécie de empatia que atiram para as pessoas com quem vão trabalhar; tal não sucedeu neste caso, e atribuo isso ao facto de não escondermos as nossas vulnerabilidades, de sermos sinceros com o grupo e de dialogarmos constantemente sobre a razão pela qual estávamos ali.

O que farias de forma diferente e porquê?

Maria: O que faria de forma diferente seria ter menos conteúdos artísticos para fazer logo à partida e tentar negociar com os diferentes parceiros para que houvesse mais liberdade e menos necessidade de mostrar resultados. Também não sei se participaria num programa que obedece a um modelo sociológico de realização de proje-

tos. Prefiro não mimetizar a Teoria da Mudança, mas encontrar outros caminhos [de mudança] através da colaboração coletiva. Não gosto de projetos nem de programas utilitaristas. Gostaria de ter chegado às famílias das pessoas privadas de liberdade. Gostaria de ter trabalhado com essas famílias.

Que impacto teve em ti, na tua prática artística e na tua relação com o contexto prisional (sistema prisional, reclusos, etc.) a participação neste projeto?

Maria: Pensar a liberdade a partir de um lugar onde ela é mais limitada ou é restringida, como numa prisão, foi muito impactante para mim, porque a prisão é um lugar que torna a falta de liberdade concreta e na minha prática artística, que é sobretudo o teatro, preciso de concretizar ideias constantemente. No entanto, um dos maiores impactos foi conhecer aquele grupo de homens e perceber que as nossas oficinas eram algo pelo qual ansiavam, que se alegravam por nos ver, que queriam saber de nós, que estavam ali para nós. Às vezes levava propostas tão arrojadas, sim-

ples, mas arrojadas porque não nos conhecíamos ainda muito bem, e eles nunca se recusaram. Isso marcou-me muito.

Perceber que a maioria das pessoas privadas de liberdade foram e são sujeitas a múltiplas vulnerabilidades na vida (pobreza; abuso; violência; racismo; consumos), e perceber que só o facto de nascerem em situação de pobreza já torna provável serem presas, é muito revoltante. Depois, e como já disse, foi impactante a falta de esperança das pessoas que supostamente deveriam guardar, tratar, cuidar daqueles rapazes, e ainda a falta de esperança da própria instituição.

As instituições não têm esperança nas pessoas para as quais existem. Parece-me o cenário do inferno.

Por fim, outro grande impacto, foi perceber a violência que o espaço exerce sobre o corpo, sobre os corpos. O espaço da prisão faz-te querer fugir dali: a tensão, o cheiro, o aspecto, mais o impacto que isso tem no corpo que já está diminuído, atrofiado, mal comido, mal dormido. Como é que alguém pode recuperar o que quer que seja nessas condições? Nem penso que seja uma questão de psicologia forense, mas de senso comum. A prisão afasta-nos do corpo; ora, como sabemos, toda a recuperação começa no corpo.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Maria: Houve uma sessão em que, já no final, arrisquei fazer um exercício inspirado no espetáculo *In Many Hands*, da artista Kate McIntosh, que explora, entre outras coisas, o tato. O grupo estava sentado numa roda, com as palmas das mãos viradas para cima e entrelaçadas umas nas outras, de forma a passarmos objetos de mão em mão, como num jogo de crianças. As mãos de uns tocam nas mãos dos outros, que por sua vez tocavam os objetos. Coloquei uma música ambiente e ia tirando de uma caixinha pequenos objetos que lhes ia passando muito lentamente: uma folha seca, um dado de vidro, um dente, um crucifixo, um anel, uma concha, uma moeda, um grão de café, entre outros. No final, escreviam sobre um dos objetos e quem quisesse lia o que escrevera.

O F. escolheu uma concha e descreveu uma cena de uma criança a brincar na praia com a mãe por perto. Descreveu a cena dando a entender que seria ele a criança. No final, terminou o texto dizendo que também ele gostaria de ter

sido aquela criança com a mãe por perto e de ter brincado com conchas na praia. Foi um momento em que percebemos que estava a acontecer alguma coisa ali, que o F. estava a processar memórias inscritas também no corpo e que as estava a transformar. Todos percebemos isso, em silêncio.

Sofia Cabrita

Co-autora, artista formadora

Quando foste convidada para fazer parte do *Lado P* que expectativas tinhas e o que mudou após as oficinas/sessões?

Sofia: Quando me convidaram para ajudar a desenhar este projeto, não sabia muito sobre o contexto prisional no geral, tinha tido apenas

algumas experiências pontuais e nunca tinha entrado numa prisão. Apoiei-me nas questões mais ou menos transversais a um trabalho com uma população específica, unida por uma mesma situação que, infelizmente, passa a definir a vida dessas pessoas quase por completo. Aliás, redefine-as, como se antes não tivessem existido na sociedade como qualquer outra pessoa... Estudei, pesquisei, informei-me sobre outros projetos, falei com quem já trabalhava em projetos semelhantes.

Parti, ainda assim, do mesmo princípio que sempre pautou o meu trabalho na prática artística com comunidades: criar um lugar seguro para a partilha e para a descoberta, um lugar de liberdade.

As sessões de teatro eram apenas uma pequena parte do projeto *Lado P*, mas seriam essenciais para a criação de um grupo, de um chão comum, de uma linguagem, de uma ética, de um projeto em pequeno e grande grupo, de uma relação.

A partir do momento em que entrámos no EP, percebi que o caminho se poderia tornar longo, só para chegar à sala de trabalho designada. Perguntei-me: como é que vamos fazer para que este seja o tal lugar de liberdade, quando tudo à tua volta te lembra que estás preso?

O que correu como tinhas pensado/planeado? O que correu de forma diferente? Quais os motivos? O que farias de forma diferente e porquê?

Sofia: Cada dia era um dia, “aqui é preciso pisar com calma”, como um dos participantes costumava dizer. As sessões foram planeadas e replaneadas, algumas vezes por imponderáveis como greves e faltas de alguns participantes, mas a maioria das vezes porque superavam as nossas expectativas e era possível ir mais longe ainda. A disponibilidade do grupo para as propostas foi crescendo, fomos criando uma relação estreita com e entre o grupo, assente na disciplina necessária para as práticas teatrais, nos enunciados que parecem fechados mas que estão feitos

para transformar a imaginação em criatividade. Isto era o que eu tinha planeado. O que eu não sabia era que o corpo (de um) recluso pode ser um corpo cheio de energia em potência e é preciso gerir bem essa força. Algumas vezes apareciam frustrações inesperadas num jogo ou num exercício mais técnico, nasciam discussões por causa de uma bola mal passada em voo, ouviam-se manifestos reais num contexto ficcional; às vezes não sabíamos se aquilo estava a correr bem ou mal... Contudo, o nosso compromisso era transformar e usar tudo o que acontecia, repensar os exercícios no momento, refazer, repetir. Pedimos-lhes um compromisso igual, o mesmo engajamento; e foi o que tivemos sempre.

Que impacto teve em ti, na tua prática artística e na tua relação com o contexto prisional (sistema prisional, reclusos, etc.) a participação neste projeto?



Sofia: Para mim foi uma aprendizagem constante; conhecia pouco a realidade do sistema prisional e das pessoas que nele participam... Este projeto fazia-me pensar todos os dias no impacto dos exercícios nas pessoas e em como aprofundar mais cada um deles. Fazia-me voltar à raiz dos exercícios. O que é isto do trabalho sobre si próprio? Como desenvolver estratégias? Como dar feedbacks produtores de novos sentidos? Como organizar realidade e ficção numa forma teatral que espelhasse as narrativas encontradas?

Felizmente não estava sozinha, éramos uma equipa que se escutava e que podia observar os acontecimentos de diferentes ângulos. Trabalho com a Maria Gil há alguns anos e, juntas, já colecionámos muitas perguntas e encontramos algumas respostas. Saídas das sessões, pensávamos juntas (e continuamos a fazê-lo) o caminho que estávamos a seguir e tomávamos consciência de que podíamos muito e muito pouco, ao mesmo tempo. Criámos um conjunto de propostas que levei para a minha prática em diferentes contextos.

Com este projeto, conheci várias realidades mais ou menos escondidas do meu dia-a-dia. Através dos participantes, conheci bairros, cidades, comunidades, profissões, famílias, quotidianos... Isto mudou o meu olhar sobre a cidade e sobre o mundo, mudou prioridades, mudou o modo

como leio as notícias, como interpreto os acontecimentos, como lido com a realidade, ampliou o meu horizonte, alterou o modo como vejo a justiça e as injustiças. Aprendi que o contexto prisional é complexo, cheio de barreiras e dificuldades várias, envolvendo muitos profissionais, mas raramente tendo em conta os reclusos e as suas famílias.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Sofia: Houve vários momentos marcantes, sobretudo ligados ao profundo envolvimento e à generosidade dos participantes. Destaco dois de muitos: o Hugo a dizer o monólogo do Hamlet, palavra por palavra. Teve apenas uma semana para o decorar e parecia que as palavras já eram suas antes. Depois, o exercício das cicatrizes, em que pedimos que cada um nos contasse a história de uma marca ou cicatriz visível no corpo, em modo de partilha em grande grupo. Não sei se pelas histórias que daí apareceram, se pela maneira como foram entregues, percebi o privilégio de ter o trabalho que tenho.

Margarida Mestre

Artista formadora

Quando foste convidada para fazer parte do *Lado P* que expectativas tinhas e o que mudou após as oficinas/sessões?

Margarida: Já tinha alguma experiência a trabalhar em contexto prisional, trazia algumas atenções a detalhes metodológicos em especial, mas cada grupo (e cada espaço) é sempre uma surpresa, um novo contexto, um universo. A primeira temporada foi um momento inaugural de trazer o trabalho de voz para o centro do grupo e tínhamos um material/texto concreto. Lembro-me que foi muito bem acolhido, com participação tímida mas comprometida. Foi uma espécie de experiência fugaz. No entanto, deu-nos, a todos, a vontade de continuar, de construir material para o objeto final e de fazer acontecer uma temporada mais continuada.

O que mudou foi o nosso compromisso: houve uma evolução, maior confiança, uma participação entusiasta e curiosa ao longo das sessões da se-

gunda temporada, mais longa e por isso com um trabalho mais profundo.

O que correu como tinhas pensado/planeado? O que correu de forma diferente? Quais os motivos? O que farias de forma diferente e porquê?

Margarida: Refiro-me agora a esta segunda temporada. O trabalho fluiu à medida que se desenvolveu a relação de confiança e o entusiasmo dos reclusos com este material – a voz. A voz é a expressão do nosso interior, expõe, e por isso é um caminho que se faz tateando. Porém, como também é música, tornou-se um reino de expressão de força e fragilidade, de ludicidade e poesia. Lentamente chegámos à expressão e interpretação dos textos dos reclusos, material íntimo, portanto.

Não mudaria nada e decerto faria, agora, tudo diferente. Manteria exercícios de força grupal, fisicalidade e respiração, rituais de voz conjunta e delicados solos, interpretação de poemas/textos da autoria dos reclusos.

Que impacto teve em ti, na tua prática artística e na tua relação com o contexto prisional (sistema prisional, reclusos, etc.) a participação neste projeto?

Margarida: Trabalhar neste contexto confronta-nos sempre com a questão da nossa liberdade de viver e de inventar. Convoca sentimentos de injustiça, empatia, compreensão, equidade e desejo que socialmente a nossa ação provoque transformação. A este nível também traz sentimentos de frustração por percebermos que atuamos de forma muito pontual e pouco abrangente.

Resta-nos a certeza de que o tempo em que estivemos presentes e nos envolvemos na construção de momentos de co-criação, comunidade, amizade, cooperação, criatividade, alguma harmonia e um ambiente de paz, ficará na história de cada participante, e na nossa, como algo inteiramente conseguido e importante, que pode fazer a diferença no sentido de encorajar a vida. Livre.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Margarida: Marcaram-me as sessões em que pudemos trabalhar vocalmente em redor do chamado *falseto*. A sua fragilidade e doçura contrasta com a virilidade e força que os homens reclusos (e outros) têm forçosamente que adotar. Demonstrou a enorme cumplicidade e confiança que foi possível instalar. Marcou-me ainda o momento em que levei o tema musical “Just”, de David Lang, e continuámos para além da música a dedicar uma espécie de elogios uns aos outros. Marcou-me também o momento em que escutámos os textos dos reclusos, interpretados e cantados — quando chegámos a esse ponto de convocar tudo o que tínhamos experienciado até aí, de forma autónoma e voluntariosa, criando um conjunto musical.

Leo, Bruno, Felipe, Pablo

Participantes do projeto

O que é que achaste que ia ser o *Lado P* e o que é que foi para ti?

Leo: Eu pensava que o *Lado P* seria uma maneira de passar o tempo ali dentro e seria bom para o meu relatório e tal, aquelas burocracias todas, mas acho que foi muito mais do que isso: foi um refúgio, foi uma ajuda nos meus piores momentos. Ajudou-me a passar o tempo, mas de uma maneira surpreendente, porque conheci pessoas maravilhosas, apesar de estar ali dentro, o que é surpreendente.

O que eu tiro é que foi bom e me ajudou bastante.

Cheguei até a abrir o coração,
porque numa das nossas reuniões
uma das pessoas partilhou que
quando estamos ali e nos depa-
ramos com uma situação daque-

las encontramos o lado mais puro
de nós mesmos e é a partir desse
momento que nós podemos deci-
dir se vamos ser uma pessoa boa
de verdade, ou se a gente vai ser
uma pessoa ruim.

Eu acho que encontrei isso lá
dentro.

Bruno: Eu não achei nada, onde eu estava só falavam de música, de música e de música. Eu não sei o que é que ia ser o *Lado P* na altura, mas depois, foi desenvolvendo a situação. Eu cheguei numa altura em que aquilo já tinha começado há muito tempo. É uma resposta chata de dar, mas eu não sei porque é que ia.

Felipe: Eu achava que ia ser só uma aula de teatro, que a gente ia aprender a representar e eu ia gastar o meu tempo ali de uma forma mais produtiva, quando, na verdade, foi muito além disso. O projeto consistia em estreitar a convivência entre todos os internos e além disso a gente aprendia muito sobre audiovisual em geral.

Pablo: Eu achava que me ia ajudar profissionalmente, pelo facto de ter as câmaras e a componente audiovisual ali dentro do estabelecimento prisional. Mas depois vi que era um lugar de re-humanização, de espaço para essa re-humanização que é o principal objetivo da reinserção social.

Esse entendimento de que somos corpo, a dimensão da expressão, o contacto consigo mesmo ali, para uma pessoa naquela situação, é muito bom. Seja para aquele que está resignado, seja para aquele que não está, mas que está naquela situação onde ninguém parece estar para te ajudar de forma nenhuma, e assim poder entender aquilo de alguma forma e tirar algum proveito. Foi bem isso que eu consegui ver, esse potencial de acordar e ter esse refúgio.

Lá dentro, o que é que o projeto significou para ti?

Leo: O projeto *Lado P* teve um significado de compromisso com vocês, que se disponibilizavam a

sair de vossas casas para ir para dentro de um estabelecimento prisional atender, ouvir, conversar com pessoas que estão passando por fases difíceis na vida. Acho que é um compromisso com vocês; significou que eu deveria ter mais esperança nas pessoas e em mim mesmo. Significou que eu deveria assumir um compromisso comigo mesmo e que tudo aquilo ali não era em vão e que, de alguma maneira, eu teria de tirar proveito de estar ali. E eu consegui ultrapassar aquela fase ruim graças ao projeto *Lado P*.

Bruno: Significou muito, ganhei novas amizades, novas perspectivas de vida. Era bom porque quando chegavam aqueles dias era um momento em que não parecia que eu estava preso; estava a conversar com mulheres, não é normal eu falar com mulheres dentro de uma prisão, não temos esse contacto direto.

Foi muito bom, houve ali exercícios que nós fizemos em que tivemos de nos expor um pouco mais, eu quis-me expor também. Essa exposição até nos fez bem, fez-nos crescer, foi muito importante naquela altura, porque nós ali não temos muito afecto, não temos

muita dedicação de outras pessoas.

Assim como para nós foi importante, para as pessoas que fazem parte do projeto *Lado P* também foi importante.

Felipe: O projeto era uma válvula de escape, além de termos uma interação e conhecermos pessoas de outros pavilhões, era uma válvula de escape, era onde eu simplesmente saía do mundo terrível que é uma prisão.

Pablo: O projeto era um refúgio, um recurso, uma dose de alento e de esperança, era uma distração no sentido de mudança do foco da atenção e de mudança do convívio. Significou todas essas vivências digamos.

Quando olhas para trás e pensas na equipa e no projeto, o que é que te vem à cabeça?

Leo: Esta vai ser a resposta mais *freestyle* que vou fazer para vocês: quando eu paro e penso no projeto, naquela época, na equipa e nas pessoas, não sei se há um sentimento que posso denominar por saudade. É estranho sentir saudades de uma época em que eu passei por momentos bons e maus, mas sinto um pouco falta daquela energia que eu sentia quando estava ali com vocês naquelas pequenas reuniões, nem que fosse uma reunião apenas para conversar ou para fazer algumas dinâmicas – mas isso preenchia o vazio que eu estava a sentir naquele momento.

Bruno: Penso em pessoas que têm um coração enorme, penso em pessoas que estão dispostas a dedicar muito do seu tempo... podiam estar a fazer coisas mais importantes para a sua vida, para a sua própria vida. Penso em pessoas que nos deram momentos muito bons, que nos fizeram sorrir quando não tínhamos motivos para tal. Penso em amizades que eu posso levar para a vida, pessoas que nunca mais vou esquecer. Foi um momento em que parecia que estava tudo escuro e havia sempre aquela luz, naqueles dias. Chegava àquele ponto de dizer “pá, vocês foram muito importantes!”. E, claro, tenho de agradecer a todos, ao Miller, ao Tiago, ao Pedro, à minha adorada Dani, à Maria, à Sabrina, a todos vocês por aqueles momentos. E espero que nos voltemos a ver, futuramente! E sim, digo que vocês foram muito importantes, mesmo.

Obrigado por tudo.

Felipe: Como é uma experiência traumática, acabamos por esquecer muita coisa, só que o projeto está bem recente na memória – é quase como se eu ainda estivesse a participar. E as pessoas do projeto foram praticamente anjos para nós porque, embora não tenham estado presos, tinham essa consciência de como é o dia-a-dia, a nossa rotina, de como aquilo é cansativo, de como faz falta o contacto com o mundo externo, e tentavam fazer isso para nós. Ficamos muito gratos, até hoje sou muito grato pelo *Lado P*.

Pablo: Gratidão, primeiramente. Depois, vem uma grande esperança relacionada [com esta experiência].

Pedro Cabeleira

Artista formador, realizador

Quando foste convidado para fazer parte do *Lado P* que expectativas tinhas e o que mudou após as oficinas/sessões?

Pedro: Fui convidado a entrar na reta final do *Lado P*, para realizar uma série documental sobre os reclusos do EP de Caxias, que estava a ser preparada em paralelo com as sessões. Nunca tinha feito um documentário, da mesma maneira que nunca tinha refletido sobre a vida nas prisões. Conhecia o caso de algumas pessoas que tinham cumprido pena, mas ficavam conhecidos apenas como “o fulano tal que teve preso”, usados como exemplo de alguém a quem devíamos respeitar na rua e usados como exemplo de caminhos a não seguir pelos meus pais. Estar preso sempre foi usado como forma de incutir medo na minha educação, e como forma de incutir respeito na rua. Havia uma estranha admiração sempre que nos cruzávamos na rua com um ex-recluso, como se tivesse passado por uma metamorfose, e tivesse saído de lá uma pessoa mais respeitada e temida.

Mas além destes tipos com quem me cruzei, não sabia muito mais sobre a vida da prisão, nunca sequer foi assunto falado, além de ser um sítio para tipos duros, e que saíam de lá ainda mais duros. Isto fez-me pensar sobre o facto de que, realmente, não havia informação sobre essa realidade no nosso país, que pouco ou nada se sabe sobre o que se passa lá dentro.

Antes de entrar no EP de Caxias, tinha apenas o preconceito de que ia entrar num sítio hostil, cheio de tipos duros. Esperava um lugar de caras trancadas, de tipos musculados e prontos a ata-

car a qualquer momento. Fiquei intrigado quando ouvi relatos sobre os desenvolvimentos do *Lado P*, de como encontravam ferramentas para estas pessoas expressarem as suas fragilidades e frustrações.

Antes de começar o projeto, o Miller e a Daniela desafiaram-me a ir a uma sessão. A primeira vez que se entra num EP não se esquece. Tudo era branco e cinzento à exceção das fardas azuis dos guardas. Depois da tensão durante a revista, caminhamos por um percurso de alcatrão exterior, onde se avistam as únicas plantas do EP, um conjunto de pequenas palmeiras e mais um ou dois arbustos que se encontravam por lá perdidos num dos lados. Do outro lado temos o enorme paredão do antigo forte, e é impossível deixar de olhar para o gradamento e de pensar naquelas pessoas como pombos enfiados nas gaiolas que os velhos construíam no meu bairro. Entra-se por uma enorme porta do forte e fica-se à espera que o guarda nos abra a porta de grades que dá acesso ao interior do estabelecimento.

Pela primeira vez na minha vida, vi reclusos, e não foi nada do que tinha projetado, apenas olhares de medo ou de tristeza, homens vergados por um sistema, que passavam a esfregona no chão e diziam

“Bom dia”.

Subi as escadas até ao último piso e vislumbrei as alas, corredores estreitos onde enfiavam estes homens cerca de 22 horas por dia. A minha atenção recaía sobre os reclusos e nos seus bons dias: toda a gente me cumprimentava, e penso que isso tenha sido das coisas mais inesperadas; foi nunca sentir uma pinga de ameaça, antes pelo contrário, nem na minha terra me cumprimentavam tanto. Outra coisa que não esperava, talvez pelo estereótipo que criamos através dos únicos cenários a que temos acesso, como os filmes de Hollywood em que os reclusos se vestem todos de igual, foi ver que, realidade, cada um tinha a sua roupa, e vestia-se tal como cá fora. O facto de nem sequer saber como os reclusos andavam vestidos só veio confirmar que nada sabia sobre o mundo prisional.

Entrei na sala onde eram feitas as sessões, uma tentativa de auditório de paredes brancas como cal, com cadeiras antigas de ferro e madeira como as da escola. Havia umas janelas minúsculas, através das quais, com esforço e fazendo fila, se conseguia avistar a ponte 25 de Abril, o Tejo e o centro de estágios da seleção de futebol. No fundo da sala estava um palco decrepito de madeira, com mantas velhas e cinzentas a fazerem de cortinas.

O grupo de reclusos começou a entrar e fui

cumprimentado por todos com um aperto de mão. Todos se apresentaram, alguns com um sorriso na cara e bem-dispostos, e nem por um segundo senti nenhum comportamento ameaçador nem nenhuma atitude hostil.

A sessão de voz e movimento começou; era organizada pela Margarida Mestre, e fiquei impressionado com a disponibilidade dos reclusos para aceitarem e fazerem os exercícios. Não só havia disponibilidade e abertura da parte deles, como percebi que aqueles exercícios, durante aquela hora e meia, eram fundamentais na vida dos reclusos. Por natureza, sou uma pessoa tímida e reservada, e este tipo de exercícios não me deixavam confortável, mas como havia tanta disponibilidade por parte do grupo, acabei por entrar na onda e participar também.

Tinha perspectivado que nas sessões do *Lado P* iria conversar muito sobre a vida no sistema prisional, de forma a construir uma série baseada nisso, mas, aos poucos, fui percebendo que ia muito para além disso. As sessões eram momentos essenciais na vida destas pessoas, e devia-se trabalhar uma zona de intimidade e conforto, onde nos pudéssemos fragilizar e expor. Isso era apenas possível organizando sessões em que se criasse um espaço de partilha.

As primeiras sessões que fiz juntamente com o Miller foram desenhadas em torno da série, baseadas em conversas sobre o sistema para, através de um olhar de dentro, percebermos que te-

mas poderia haver e o que realmente acontecia lá. Apesar de nos conseguirmos debruçar sobre conversas fundamentais para o desenvolvimento da série, as sessões acabavam por ser dispersas, e, em conversa com a Daniela, percebemos que era essencial manter também este lado de oficina e pensar o projeto num sentido mais amplo, que não se sustentasse apenas na conversa, mas pudesse promover os exercícios que tinham vindo a ser a linha do projeto desde o início.

A abordagem foi mudando com os tempos, e as sessões não eram apenas sobre o desenvolvimento da série, mas serviam também para dar ferramentas ao grupo para conseguirem expressar-se, não só sobre o mundo em que viviam, mas sobre algo muito maior, sobre quem eram, de onde vinham e como tinham ido ali parar. Para isso acontecer eu próprio tive de pôr de lado medos muito maiores do que contava inicialmente. O maior desafio que tive no *Lado P* não foi lidar com um ambiente hostil, como inicialmente tinha pensado, mas transpor a barreira de me expor, de mostrar como me sentia, ou de aceitar entrar e fomentar exercícios que, dada a minha timidez, me eram contranatura. Fui descobrindo que o *Lado P* era um espaço de partilha essencial para continuar o meu trabalho, para chegar àquelas pessoas, quase sempre magoadas pela vida, e que a exposição à partida seria mais desafiante para elas do que para mim.

Se achava que ia fazer uma série sobre um sistema para tipos durões que os deixava ainda mais durões, estava enganado, pois a série foi sobre um grupo de pessoas fragilizadas pela vida e pelo seu contexto, e que habitavam um sistema que os oprimia e hostilizava constantemente.

O *Lado P* foi sobre conhecer melhor cada indivíduo que ia às sessões, e tentar ajudá-lo a encontrar novas maneiras de se expressar, ou de encontrar um refúgio, um lugar que, por instantes, o tirasse dali.

O que correu como tinhas planeado e o que correu de forma diferente?

O que farias de forma diferente e porquê?

Pedro: O projeto tinha duas propostas, uma era

construir a série, e a segunda era que a série fosse protagonizada pelo grupo de reclusos que se encontrava inscrito no *Lado P*. Grande parte das sessões que fui organizando, numa fase inicial juntamente com o Miller e com a Daniela, e posteriormente com o Tiago Costa, tinham como objetivo a preparação da série nestas duas frentes. Na primeira fase, as propostas passavam por falar dos diversos temas afetos à vida prisional – rotinas, “moedas de troca”, relação com guardas, espaços comuns, espaços privados (se é que existem), etc. Este método funcionava até uma determinada altura, mas rapidamente o grupo dispersava ou se desmotivava, visto que faltava algo que os tirasse daquele espaço mental que habitavam diariamente. De seguida, começámos a introduzir nas sessões alguns exercícios que fomentassem um espírito de grupo, como, por exemplo, momentos de abertura e fecho de sessão em que os participantes falavam de si (como nos sentíamos, de que sentíamos falta, o que desejavamos, o que ficara por dizer a quem amávamos, etc.). Estes exercícios foram essenciais para fomentar a ligação entre o grupo: aos poucos íamos descobrindo mais uns sobre os outros, desde o mais banal, como o que tínhamos comido ao pequeno-almoço (recordo o momento em que eu disse que comia uma merenda mista antes de ir para o EP e isso ter despertado um sentimento de saudade no grupo por estarem privados de alimentos como esses), até questões

mais profundas, como evocar quem nos fazia falta. Foram exercícios que, apesar de curtos e simples, acabaram por ser cruciais para nos ficarmos a conhecer uns aos outros e para haver progressão de um ponto de vista de relacionamento, ao longo das sessões.

Como percebemos que as conversas se estavam a saturar, procurámos outros mecanismos para descobrir mais sobre aquele território que os participantes habitavam e sobre o seu quotidiano. Propusemos, então, novos exercícios que funcionaram muito bem, como, por exemplo, desenharem a sua cela. Os desenhos variaram muito de pessoa para pessoa, e a partir daí surgiram questões que, infelizmente, não foi possível abordar a fundo na série, como a absoluta ausência de privacidade. Em Caxias as celas eram partilhadas entre quatro indivíduos ou mais, no caso dos faxinas, chegava a haver camaratas de dez. Dormiam em beliche e tinham um armário feito de pedra onde guardavam os seus pertences. Tomavam as refeições dentro das celas, numa mesa e num banco de azulejo, que, no limite, dava para se sentarem três pessoas em simultâneo, o que fazia com que houvesse sempre um que não podia tomar a refeição sentado à mesa, ou então que tivessem de se revezar para poderem comer. A casa-de-banho ficava junto à mesa onde comiam, e apenas uma cortina servia como separador do restante espaço da cela, o que por vezes, naturalmente, originava conflitos e fazia

com que tivessem que regular as suas necessidades de acordo com as horas de refeição.

Como o acesso ao interior das celas nos era interdito, numa das sessões propusemos que desenhássem, no chão da sala onde trabalhávamos, a planta de duas celas e o corredor. Foi um exercício que envolveu o grupo e onde ficámos a conhecer mais pormenorizadamente as condições em que viviam.

Havia, no mínimo, quatro pessoas confinadas a um espaço reduzido todos os dias, durante todo o dia, apenas com duas horas de pátio e com períodos em que podiam circular livremente pela ala, que, no fundo, se resumia a um corredor comprido e estreito onde, se esticássemos ambos os braços, conseguíamos tocar nas paredes laterais, da mesma maneira que o espaço entre os beliches não era suficiente para esticar os braços. Foi importante perceber que, num processo que deveria ser visto como reabilitação, estas pessoas não tinham um único momento de privacidade. Alguns, como forma de se consegui-

rem isolar e ter um espaço seu, faziam tendas à volta da sua cama, o que nos fazia pensar que o único espaço verdadeiramente deles se limitava a uma cama individual, onde pés dos mais altos ficavam fora da cama, quando se deitavam. Tentámos ficar a conhecer as rotinas, e iniciámos outros exercícios para recriar as situações do seu dia-a-dia, como a visita, a fila para o bar, para o telefone, o conto, etc... O grupo aderiu bem a estes exercícios e reparei que, apesar de estas encenações serem sobre algo que lhes era próximo, muitos procuravam afastar-se do seu próprio eu, fazendo uma caricatura ou uma sátira da sua própria situação, o que, mais uma vez, me fazia pensar que o grupo procurava encontrar um escape nas nossas sessões, e que a forma de lidar com o trauma por que estavam a passar naquele momento era através de processos criativos. Isso veio-se a confirmar quando fizemos exercícios como desenhar a vista da cela, em que alguns tentaram fazer recriações mais precisas e artísticas, sempre com um cunho que expressava a sua própria personalidade. O período das filmagens estava-se a aproximar e contámos com a ajuda do Tiago Costa, ator de profissão, de forma a desenhar exercícios que pusessem os participantes à vontade frente à câmara, exercícios que os capacitassem, para conseguirem recriar algumas situações de uma forma mais séria ou mais realista. Um dos exercícios que o Tiago propôs, e que depois se foi repetin-

do ao longo de várias sessões, foi um exercício de cinco minutos de respiração, em silêncio, de olhos fechados, semelhante a um exercício de meditação. Este exercício revelou-se uma surpresa, e percebemos que aqueles cinco minutos de silêncio em que ficavam relaxados eram valiosos para os participantes, expostos ao *stress* 24/7, sem espaço nem tempo para parar e respirar. Foi fácil concluir que promover uma atividade tão simples como esta poderia ajudar os reclusos a lidar com os numerosos conflitos e problemas que surgem no seu dia-a-dia na prisão. Promovemos exercícios específicos e básicos de representação, como algumas brincadeiras que os tiravam daquele lugar, mas o grupo continuava quase sempre nesta lógica de se distanciarem do eu, procurando uma personagem ou uma caricatura. Ao longo do tempo, este tipo de exercício foi-se esgotando e a proposta começou a incidir mais em exercícios relacionados com a identidade, como escreverem sobre eles mesmos, pensando em objetivos, defeitos, valores, etc. Num desses exercícios explorámos o universo dos sonhos, e foi-nos relatado por um dos reclusos um sonho em que ele estava com o pai a irrigar os campos; de repente, no sonho, ficara com vontade de urinar e quando acordou tinha urinado na cama da cela. A reação inicial foi de chacota por parte dos outros elementos do grupo, mas rapidamente se percebeu que urinarem durante a noite enquanto dormiam era algo mais

comum do se pensava, o que me fez pensar que haveria uma correlação muito forte entre o *stress* a que estavam sujeitos no seu dia-a-dia e este tipo de episódios.

Com o passar das semanas os exercícios iam ficando repetitivos e o grupo foi escasseando perto do final do projeto. Percebi que devíamos introduzir novos exercícios que funcionassem como ferramentas práticas, visto que ali, ou mesmo no seu próprio contexto pré-reclusão, dificilmente teriam acesso a este tipo de exercícios como, por exemplo, trabalhar com câmaras de filmar e de fotografar, ou desenvolver tarefas mais específicas relacionadas com algo mais técnico, como escrever um argumento, desenhar um *storyboard*, filmar, editar... Muitos falavam em aulas de música, uma área de interesse comum à grande maioria; gostariam de ter acesso a noções mais técnicas, como produzir uma faixa, por exemplo.

Senti que o meu envolvimento, no que toca à parte das sessões, poderia ter funcionado melhor se houvesse um elemento de continuidade entre as sessões, se tivesse sido desenhado um plano a longo prazo para produzir um resultado: ir desenvolvendo uma curta-metragem, uma peça de teatro, ou uma música. Criar um objeto artístico com eles, em que lhes fosse dada a oportunidade de irem trabalhando em todas as etapas e se sentisse a evolução de sessão para sessão.

De qualquer das formas, tendo em conta que um dos nossos objetivos com o projeto era fazer a série, as nossas sessões foram pensadas isoladamente em função disso. Mas, se fosse hoje, teria pensado melhor numa abordagem a longo prazo para acontecer em paralelo. Também envolveria mais meios, o que por vezes não era fácil de concretizar, tendo em conta a postura da direção do EP.

Que impacto teve em ti o projeto *LADO P*, a nível pessoal e profissional?

Pedro: O Lado P foi uma das experiências mais relevantes da minha vida. Como mencionei acima, aquilo que é uma realidade vivida por pessoas privadas dos seus direitos mais básicos, nunca tinha sido objeto de reflexão ou questionamento da minha parte. Enquanto trabalhei neste projeto, quer nas sessões, quer nas filmagens da série, ao longo de 7 meses e meio, entre o final de 2021 e na primeira metade de 2022, estava a residir na minha terra natal, no Entroncamento. Os trabalhos começavam às 9 da manhã em Caxias, o que fazia com que tivesse de acordar pouco depois das 5 da manhã, sair de casa ainda de noite e apanhar o comboio das 06:40 em direção a

Lisboa, de forma a conseguir entrar a tempo no EP para as duas horas que tínhamos reservadas para estar com os reclusos (horas essas que eram equivalentes ao tempo que eles tinham para ir ao pátio). Nunca fui uma pessoa madrugadora, e estes horários eram uma novidade para mim, tal como as duas horas que fazia de percurso até chegar ao EP; mas, apesar de tudo, acordava sempre motivado para fazer esta rotina até Caxias. O que é estranho, porque durante todo o tempo que lá estive, Caxias sempre representou um contexto violento e hostil para mim, não por causa dos reclusos, que sem dúvida foi a quem me acabei por ligar mais, mas pelo ambiente em si. Uma prisão carrega um peso, e acredito que é impossível não nos metermos no lugar do recluso quando entramos no EP e conhecemos um. Na verdade, compreendi que a prisão não passa apenas por condicionar alguém a um espaço geográfico, senti que se tratava antes de um crescente processo de desumanização do recluso. Não testemunhei ali nenhuma tentativa de reabilitação das pessoas que se tinham cruzado com problemas. A participação no projeto fez-me pensar sobre a facilidade com que alguém pode ir preso, principalmente se vier de determinado contexto. Muito rapidamente desmistifiquei a ideia de que um recluso é um bandido, e nunca, até então, senti a enorme relevância que tem o nosso contexto social relativamente ao lugar que vimos a ocupar no mundo.

As primeiras memórias que guardo de Caxias são branco e cinzento, um lugar morto, e por muito que pudesse imaginar sobre uma prisão, nada se aproxima à verdadeira experiência de entrar numa. Há um ambiente de desolação, sem cor e sem vida. Uma luz branca a toda a hora, que deixa tudo mais cinzento. Na memória, em pensamentos abstratos, além do branco e cinzento, é impossível esquecer os olhares com que me cruzava, à medida que subia as escadas e passava pelas alas: olhavam para mim, de rosto tapado pelas máscaras da pandemia, como quem diz “le-va-me daqui”.

A experiência foi tendo cada vez mais impacto em mim, de tal modo que, com o passar do tempo, Caxias começou a entrar nos meus sonhos.

Ainda hoje, de vez em quando, tenho desses sonhos. Os sonhos começaram quando, algures a meio do projeto, ingressaram no EP três rapazes da minha terra, que eu conhecia desde criança. Cruzei-me com eles algumas vezes, lá. E se toda a experiência era suficiente para deixar marcas para uma vida, sempre que os via, as marcas tornavam-se maiores ainda. Sonhava várias vezes que estava lá, ou numa cela, ou em espaços

abstratos, corredores, escadas, arame farpado, e eles vinham ter comigo, esses rapazes da minha terra, e pediam-me em sonho para os tirar de lá. Se para mim, como mero visitante, a prisão teve tanto impacto, imagino naqueles que lá vivem, e lembro-me de ouvir na montagem de um documentário sobre o Goya [documentário realizado por João Miller Guerra], que ele dizia ter sonhos sobre a prisão anos depois. Mais tarde, quando me encontrei com um amigo que tinha saído de lá há pouco tempo, ele falou-me disso também: disse que muitas vezes ainda sonhava que estava lá; ou que sonhava acordado, quando estava na casa-de-banho de sua casa, e de repente parecia que estava outra vez na casa-de-banho da sua cela.

Tudo era uma forma de desumanizar, desde a ausência de privacidade, até à perda de identidade (os reclusos são chamados por números e não pelo nome); passando pelo tratamento dos guardas ou pelos próprios conflitos que surgiam entre eles; sem falar no barulho constante, na falta de afeto da família ou na ausência de perspectivas quando saíssem dali, devido ao estigma que recai sobre um ex-recluso. Tudo isto são sintomas de que a prisão vai muito para além do que é suposto. Não passa pela reabilitação, nem sequer passa por castigo (como muitos cidadãos do nosso país gostam de pensar) – a prisão é uma tortura. Eu olho para esta experiência e sinto que o tratamento que é dado ao recluso hoje

em dia será visto como algo medieval no futuro. Enquanto artista, estas são questões que gostava de ter tido espaço para explorar mais a fundo na série, mas infelizmente fomos muito condicionados pela direção da prisão, que não mostrou abertura para se filmar quase nada ou quase ninguém. Houve uma tentativa de abafar o que verdadeiramente se passa em Caxias, e em pleno ano de 2022, vi as minhas ideias serem censuradas. Nunca nos foi dado acesso a uma cela para se filmar, ao pátio, a espaços comuns como o bar, a enfermaria, etc. Houve uma tentativa constante, por parte da direção, de higienizar o EP: queriam mostrar apenas a triste biblioteca, cinzenta e branca como tudo o resto, a olaria (onde dois reclusos, no meio de centenas, andavam a aprender o ofício). Muito se falou da olaria, que a direção achava muito interessante filmar; ou então sugeriam circunscrevermos tudo ao nosso pequeno e mísero auditório e às sessões que andávamos a fazer com os reclusos. Porém, foi-nos praticamente vedado um verdadeiro olhar, ou até um pequeno vislumbre, sobre a realidade e o quotidiano dos reclusos, com a desculpa, de acordo com a direção, de que não havia grande interesse nisso. Eu e a Daniela batalhámos em várias reuniões para tentar mostrar quão importante era mostrar-se o outro lado, falar-se sobre o que acontecia lá, pois todos nós seguramente queríamos ver melhoradas as condições de vida daquelas pessoas. Mas os pedidos vinham sem-

pre para trás, qualquer pormenor tinha de ser reformulado ou higienizado. Dou como exemplo o dia em que íamos filmar os telefonemas dos reclusos para familiares ou amigos. Foi feito o pedido para as filmagens decorrerem num dos locais onde frequentemente aconteciam alguns desses telefonemas, na ala dos “entrados”, uma ala no rés-de-chão, escura, com paredes bolorentas e tinta a cair, a fazer lembrar as prisões da América Latina, e que era o cartão de entrada para os novos reclusos. No entanto, não nos foi permitido filmar lá, tendo sido mandado instalar, no próprio dia, um telefone no último piso para ser utilizado exclusivamente para as filmagens.

Pelo menos a relação que tínhamos criado com os reclusos ao longo das sessões não foi quebrada e a série conseguiu-se alicerçar nestas pessoas, que corajosamente decidiram dar a cara, expor-se num dos momentos mais frágeis da sua vida. Foi uma experiência que me fez crescer muito, enquanto pessoa e artista, compreender como chegar aos outros através de um processo de multidisciplinaridade, conjugando diferentes áreas artísticas, numa lógica de partilha de parte a parte. Estimulou-me para trabalhar com atores não profissionais, rostos reais no seu próprio contexto. Acabei por usar algumas dessas ferramentas no meu último filme de ficção, em que também optei por trabalhar com não-atores.

Mas levo do projeto sobretudo as pessoas que

conheci, que muito dificilmente conheceria doutra forma, e pergunto-me muitas vezes se as voltarei a ver. Partilhámos histórias e momentos, e por muito improvável que possa parecer, também nos divertimos dentro daquele espaço. Mais à frente sentia que eramos um grupo de amigos que se voltava a reencontrar, e onde descobríamos momentos de beleza, de algo muito humano e sincero. Foi com grande pesar que soube não poder lá voltar para dizer um adeus, um até já. O *Lado P* talvez tenha sido apenas um ponto de interseção entre mim e essas pessoas, mas seguramente mudou a minha vida e espero que também tenha mudado a delas.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Pedro: Dentro dos vários momentos que me marcaram ao longo da experiência que tive durante o *Lado P*, penso que aquele que mais me marcou foi quando visitei a Cella Disciplinar, ou, como é conhecida entre os reclusos, o Manco.

Foi num dia a seguir ao almoço, em que estávamos a filmar um dos episódios. Íamos gravar uma entrevista e quando estava a subir as escadas em direção ao local de filmagem, no último piso, cruzei-me com um dos reclusos que estava no projeto. O recluso tinha acabado de fazer a faxi-

na do Manco, e perguntou-me se eu queria dar uma olhadela. Eu disse que sim, mas que não podia entrar lá de qualquer maneira; então, ele falou com um guarda, explicou-lhe quem eu era e perguntou se eu podia ir ver. O guarda acedeu e abriu a porta.

O Manco ficava num dos cantos do piso, meio escondido, despercebido. Já me tinha cruzado várias vezes com a sua porta de metal, mas nunca tinha me questionado sobre o que era, julgava ser uma sala de arrumos, estava apenas identificada como “C.D.” que, percebi depois, eram as iniciais de “Cela Disciplinar”.

Já tinha entrado numa ala, um daqueles corredores compridos e estreitos, ladeados por portas de ferro, onde os homens passam quase todo o dia, e a experiência foi de tal modo marcante que ainda hoje me lembro perfeitamente da sensação de claustrofobia e aflição que é percorrer um corredor desses até metade. Também tinha entrado numa cela, confirmando com os meus olhos o espaço insuficiente, os armários de pedra, a mesa e o banco de azulejo, e o quão perturbador devia ser viver ali; mas nada se comparou à violência de entrar no Manco.

Assim que se entra no estreito *hall* que dá acesso às duas celas do Manco sentimos um cheiro putrefacto, mesmo depois de ter sido feita a limpeza. Um gradeamento que vai do chão ao teto separa a cela do corredor, fazendo lembrar uma masmorra. A cela era escura e pequena e tinha

uma cama de pedra. Supus ser aquele o espaço onde os reclusos sujeitos ao pior castigo da prisão dormiam e comiam. Ao lado da cama havia um buraco de metal no chão; por cima desse buraco estava um chuveiro; o guarda explicou-me que era ali que os prisioneiros tomavam banho e faziam as necessidades. Não guardo memória de ver mais nada no Manco, além desses dois elementos, das grades, do chão. Não me recordo de ver nenhum candeeiro, e fiquei a pensar que possivelmente os castigados ficariam às escuras de noite e teriam luz mal nascesse o dia, visto que, do lado oposto ao da cela, no corredor, havia duas grandes janelas sem cortinas. Se nunca existia um segundo de privacidade nas celas partilhadas do estabelecimento, ali o isolamento era absoluto. E se, seguramente, aquilo que era a realidade comum em Caxias será considerado medieval num futuro próximo, o Manco é algo que já é medieval para os padrões dos dias de hoje.

Houve no grupo um recluso que, durante o período em que fizemos as sessões, cumpriu o castigo de duas semanas no Manco. Quando voltou vinha transformado, dizia que tinha passado por um processo horrível, em que estava sozinho numa cela, todo o dia, todos os dias, sem poder entrar em contacto com mais ninguém. Havia, inclusive, um pátio diminuto próprio para os castigados no Manco, onde eles podiam ir uma hora por dia, sozinhos e afastados do resto da popu-

lação prisional. Sempre que esse recluso voltava do Manco parecia ter passado por um processo de lobotomia, em que dizia que ia mudar, que vinha um homem diferente, que não se voltaria a meter em problemas. Evidentemente, tal não se vinha a confirmar, dado serem frequentes as vezes que esse recluso lá ia parar, até por estar diagnosticado com esquizofrenia. Depois de todos os relatos sobre o Manco, que era um espaço para enlouquecer um homem, e principalmente depois ter visto e cheirado o espaço em si, fiquei-me a perguntar qual era o objetivo de prender alguém lá quinze dias seguidos, a não ser mesmo levar essa pessoa à loucura.

Isto levantou-me outra questão, se a prisão de Caxias estava pensada e era vivida como um castigo, porque é que ainda havia castigos mais violentos do que o próprio castigo em que estes homens estavam?

Descobri também que existiam dois tipos de castigo: além do Manco, o isolamento total nas piores condições, o último da linha; havia outro castigo, mais informal, que basicamente passava por mandar os reclusos passarem uns tempos na ala dos entrados. No vulgo este era conhecido como “estar no castigo”, enquanto o castigo na cela disciplinar era o Manco. Nunca percebi muito bem a finalidade deste castigo de mandar os reclusos para a ala dos entrados, mas era para “eles pensarem sobre o que tinham feito”. Depois de ouvir alguns relatos sobre isto, deduzi que tal-

vez houvesse uma correlação entre a entrada na prisão e este castigo. Os reclusos ingressavam no EP e ficavam em camaratas com várias camas durante algum tempo, até lhes ser atribuída uma cela no estabelecimento. Ao mandarem os castigados de novo lá para baixo, para as celas dos entrados, talvez quisessem assustar os que tinham acabado de ingressar no estabelecimento, ao mesmo tempo que isto talvez funcionasse como uma ideia de retrocesso para os que eram castigados e iam de novo parar ao ponto de partida. De qualquer das maneiras, tratava-se de um castigo informal, uma medida interna do próprio estabelecimento, que certamente funcionava como forma de hostilizar ou de humilhar o recluso.

Tiago Costa

artista formador, ator

Quando foste convidado para fazer parte do *Lado P* que expectativas tinhas e o que mudou após as oficinas/sessões?

Tiago: Quando fui convidado para o projeto *Lado P* fiquei bastante entusiasmado. Como ator e criador, sempre tive vontade de fazer teatro com reclusos no contexto prisional. Infelizmente, essa oportunidade nunca surgiu e este projeto veio saciar um pouco desta minha vontade de perceber como é que se pode trabalhar com estas pessoas, num contexto destes. Sempre imaginei encontrar pessoas dotadas de talentos incríveis, mas que eventualmente seguiram caminhos menos certos que os levaram inevitavelmente àquele sítio. Não me enganei. Encontrei desde poetas a músicos, até pessoas que simplesmente aplicaram a sua arte no âmbito da sua própria sobrevivência, muitas vezes provenientes de contextos hostis e violentos, precários e desprotegidos so-

cialmente. Muitas das vezes a arte vem daí... Dei por mim a ouvir a história de pessoas que não sabiam como tinham sobrevivido a certas situações, e aprendi bastante com algumas deles. Nos primeiros dias, senti-me bastante afetado: aquelas duas horas por semana faziam-me pensar bastante. Sair da prisão e dizer a frase “até para a semana!” era estranho no início. Contar as horas que eles passariam fechados numa cela até nos ver-mos outra vez fazia com que houvesse alterações na minha ideia de liberdade, mas dava-me alento para preparar melhor as próximas sessões, em conjunto com os meus colegas, para que tornássemos aquelas duas horas mais profícuas. Para mim, se durante aquelas duas horas conseguíssemos fazer com que eles “saíssem mentalmente” daquele espaço a que estavam confinados, o nosso objetivo/missão estava cumprido/a. Obviamente que se punham cada vez mais questões práticas, porque havia uma série para se fazer e conteúdo para triar, desenvolver e pôr em prática. De qualquer modo, a componente humana/relacional seria sempre a base para qualquer coisa que se viesse a desenvolver. Creio que fazer os participantes sentirem-se desejados e interessantes era parte integrante deste processo. Fazer com que sentissem que a história deles era importante e que podiam ajudar alguém indiretamente... com todos os constrangimentos que isso acarretava, pelo facto de haver a hipótese de virem a ser filmados

e “aparecerem na televisão”. Foi, então, uma luta constante de avanços e retrocessos, confiança e desconfiança, amores e desamores pelo trabalho desenvolvido. Na verdade, tentávamos fazê-los crer que aquilo valia mesmo a pena, e que eles eram os nossos protagonistas – sem eles o projeto não existiria.

O que correu como tinhas pensado/planeado? O que correu de forma diferente? Quais os motivos? O que farias de forma diferente e porquê?

Tiago: No início foi complexo delinear uma estratégia para convencer os participantes de que aquilo valia a pena. Nesse sentido, a Daniela foi bastante importante, porque já conhecia muitos dos reclusos e tinha um *know-how* bastante desenvolvido, devido ao facto de o projeto já se arrastar há bastante tempo, com uma pandemia pelo meio e com saídas repentinas de reclusos, por se tratar de um estabelecimento de reclusos preventivos. No início, a preocupação era quase “fidelizá-los”; fazer com que não faltassem à pró-

xima sessão, com que se mantivessem motivados e contentes por estarem ali. Esse seria o primeiro passo... Muitas vezes, para alguns, isso era complicado, porque a sessão decorria à mesma hora da saída para o Pátio, o que significava que muitos deles não trocariam o pouco tempo que tinham para ir à rua pelas nossas sessões de 2 horas.

Por outro lado, as sessões em si foram um pouco complexas no início, porque nem sempre vinham as mesmas pessoas e aquelas que iam tinham dificuldades em ir às sessões todas. Muitos faltavam sem justificação aparente; ou porque ficavam a dormir ou porque nesse dia não estavam com disposição, sei lá...

Assim sendo, tentávamos trabalhar com as pessoas que tínhamos e que às vezes, em certas sessões, não eram muitas, o que acabava por quebrar o *workflow* que tínhamos planeado. Por vezes, havia certos aspectos que eram difíceis de controlar com as pessoas que apareciam nas sessões: a excitação, a vontade de protagonismo em relação ao grupo, o compromisso, a dedicação, o foco, as idiosincrasias internas entre reclusos, o empenho nas tarefas, etc. Acontecia com regularidade haver membros do grupo que estavam mais empenhados do que outros e eles próprios alertavam os que estavam menos focados para as consequências da falta de empenho, como, por exemplo, a interrupção constante com piadas ou coisas que não con-

tribuíam para o bom funcionamento da sessão. Com o tempo, estes problemas foram sendo progressivamente resolvidos entre todos, até que conseguimos criar uma dinâmica bastante mais célere e um ambiente profícuo.

Por sugestão minha, fazíamos religiosamente, no início das sessões, uma série de respirações específicas, que contribuíam diretamente para a focalização geral e que causaram alguma estranheza, no início, mas que passariam a ser essenciais para começarmos a trabalhar.

Sentados, fechávamos os olhos e tentávamos respirar fundo, com as mãos no peito e na barriga. Durante um ou dois minutos estávamos ali, em silêncio, concentrados em nós próprios. O efeito era valioso.

A única coisa que eu mudaria, pensando nessas sessões, era a duração do tempo desta respiração. Prolongava-o. Com o tempo, comecei a perceber que este processo era essencial para iniciarmos a sessão de trabalho. Por vezes, tinha vontade de passar mais tempo naquilo, mas tínhamos tarefas para cumprir, trabalho para fazer, tínhamos que chegar ao nosso objetivo, que seria filmar a série.

Previamente, preparávamos o “alinhamento” das

sessões e tentávamos cumprir o programa a que nos tínhamos proposto. Creio que os exercícios de grupo, de introdução à prática teatral, os exercícios de desenvolvimento de confiança, o trabalho de movimento, as composições escritas e os desenhos foram passos muito importantes no caminho para o objetivo final.

No fim de cada sessão, pedia-se a cada um dos participantes para escolherem uma palavra que caracterizasse o que tinham vivido/aprendido naquele espaço durante as últimas duas horas. Gosto de pensar que isso contribuía para a consciencialização acerca do que tinha acontecido internamente com cada um deles durante aquele espaço-tempo.

Gosto também de me lembrar de algumas sessões que resultaram em sorrisos profundos, em comoção e entrega, na vontade de ensinar e de aprender, em disponibilidade e profundo altruísmo.

Que impacto teve em ti, na tua prática artística e na tua relação com o contexto prisional (sistema prisional, reclusos, etc.) a participação neste projeto?

Tiago: Para mim, enquanto ator e pessoa, foi especialmente importante desenvolver a minha própria ideia do *mindset* que se cria na cabeça de uma pessoa que está presa, e nas variações possíveis que isso pode acarretar. O meu conhecimento do sistema prisional não era muito inocente: conheço algumas pessoas que estão presas ou que já estiveram. Creio que o estabelecimento prisional onde se está muda bastante a percepção dos presos acerca da prisão, pelo facto de cada prisão ter o seu próprio sistema de funcionamento e as suas próprias regras. Cada prisão é uma prisão diferente.

Obviamente que estar ali, com aquelas pessoas, transformou imenso a minha ideia do sistema prisional. A mim interessava-me bastante a componente comportamental/relacional; a relação com os guardas, com as educadoras... Os problemas que poderiam advir daí e a consequente reacção da pessoa x ou y a determinada situação.

Constatei que grande parte dos reclusos tinha problemas com certos guardas prisionais e tentei perceber porquê. Acontecia que só tinha uma versão dos factos (a do recluso) e acabei por perceber que muitas das vezes o problema não era só do guarda, era mais profundo, era um problema com a ideia de autoridade. Muitas vezes estas questões provinham de um contexto social ou familiar complexo e problemático, o que fazia com que aquele tipo de comportamento face a uma qualquer ideia de autoridade estivesse

calcificado e automatizado. Claro que tudo isto resultava inevitavelmente em castigos ou privações para os reclusos. A infração já está automatizada, como se fosse algo normal, que faz parte do comportamento de alguém. Para alguém que está preso seguir regras deixa de ser prioritário e contorná-las pode por vezes ser a única forma de sobrevivência, naquele contexto.

Lembrei-me muitas vezes do meu percurso escolar: frequentei algumas escolas problemáticas, em que infringir a regra era também uma maneira de posicionamento “social”, naquele contexto.

Quanto mais disruptivo se fosse em relação ao sistema e às regras, mais respeito se conseguia entre os outros adolescentes. Creio haver certas parecenças com isto, na dinâmica de uma prisão: “Por mais que custe um castigo, vale a pena, nem que seja para me posicionar numa qualquer hierarquia”. Não quero com isto dizer que tal comportamento está certo ou errado; estou só a constatar o que senti nalgumas pessoas. Senti que o respeito dos outros reclusos é essencial para se “sobreviver” ali dentro. A ideia de que quando estamos todos no mesmo barco, a intensidade da entreatajuda e da compaixão é diferente

da que por vezes se encontra fora daquelas paredes. Criam-se, por vezes, laços bastante fortes entre os reclusos que se encontraram numa qualquer prisão. Por terem passado por aquilo juntos. Por se terem ajudado quando mais precisavam.

Descreve um momento que te tenha marcado.

Tiago: Um certo dia, perto da altura do Natal, eu encontrava-me a meio de uma sessão com um grupo de reclusos. A ideia era escrevermos todos um texto que nos fizesse lembrar o Natal, algo de pessoal, de familiar, que significasse união e que tivesse uma pitada do imaginário natalício. Entretanto, um dos reclusos percebe que tem alguma dificuldade em expressar-se, ou melhor, em passar para o papel o que realmente queria transmitir. Acontece que este preso era moldavo e estaria então a tentar escrever em português correto. Eu decido aproximar-me para o ajudar. A meio da minha explicação ele começa, inesperadamente, a falar de uma coisa totalmente diferente. Tratava-se do crime que tinha cometido. Eu demorei alguns segundos a perceber do que se tratava. Os olhos dele começaram a brilhar... Dou por mim a escutar, com muita atenção, aquela descrição pormenorizada da forma como tinha

morto a mulher. Ele não bebia álcool, nunca tinha bebido na vida. Naquele dia tinha bebido uma garrafa de aguardente, sozinho, com uma velocidade tremenda, disse-me. Esperou por ela no vão das escadas do prédio onde ela morava. Ela tentou fugir com o filho, que deveria ter à volta de 18 anos. O filho viu tudo. Ele esfaqueou-a nas costas perto da porta de saída. O crime saiu nos jornais. Ele estava à espera de ser condenado. Talvez houvesse algum arrependimento nos olhos dele. Contava aquilo num tom melancólico, com os olhos muito brilhantes. De repente, voltámos ao texto de Natal, como se aquilo não tivesse acontecido. Simplesmente inacreditável.

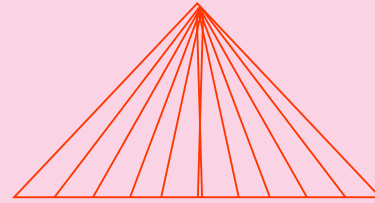
Nessa noite dormi mal. Não percebia como não conseguia odiá-lo. Ele foi honesto comigo. Como é que se lida com uma pessoa antes e depois de saber o crime dela? O que é que muda?

06

- 01. Contextualização
- 02. O que são prisões
- 03. Apresentação
- 04. Timeline
- 05. Entrevistas
- 06. Caixa de ferramentas
- 08. Conclusões

Caixa Ferramentas

BEST OF



BEST OF

Seleção de alguns
dos exercícios
realizados durante
o projeto *Lado P*



Espelho

Material

1 espelho de bolso

Enunciado

Segura o espelho e olha para o teu reflexo. Toma um tempo para te observares e, quando te sentires preparado, descreve em voz alta o que vês.

Variante

Podes escrever o que vês no caderno.



Onde é que vais estar daqui a dez anos?

Material

Suporte de escrita
(papel e caneta ou outro).

Enunciado

Toma um tempo para pensares o momento presente, visualiza o ano em que estás e depois salta dez anos e visualiza esse ano. Pensa naquilo que estarás a fazer. Como será a tua vida? O que é para ti um dia bom daqui a dez anos? No caderno, descreve o que vês.

Variante

Que passos podes fazer, ano a ano, para chegares a esse dia bom? Anota no caderno.



Quem é o herói/o Patinho Feio da tua família?

Material

Suporte de escrita
(papel e caneta ou outro).

Enunciado

Pensa nas características de um herói e pensa na tua família. Há alguém que se aproxima dessas características? Quem é o herói da tua família? Identifica e descreve essa pessoa. Que relação tens com essa pessoa? Depois pensa em alguém que está fora dos padrões considerados normais, alguém peculiar, diferente. Quem é o Patinho Feio da tua família? Identifica e descreve essa pessoa. Que relação tens com essa pessoa?

Compara as descrições do herói e do Patinho Feio. Descobriste alguma coisa?



Carta para o teu eu de doze anos

Material

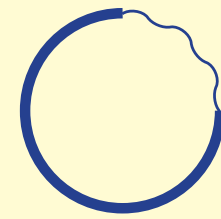
Suporte de escrita
(papel e caneta ou outro).

Enunciado

Pensa numa fotografia de ti com doze anos. Em alternativa, pensa num acontecimento do tempo em que tinhas doze anos. Lembra-te de ti nessa altura. Como eras? Como olhavas para o mundo? O que te fazia rir ou chorar? Se pudesses falar com essa pessoa, o que lhe dirias? Escreve uma carta para o teu eu de doze anos.

Variante

Enviar a carta por correio para ti mesmo.



Desenhar

Propostas de desenho.



Contornar

Material

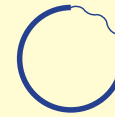
Papel e riscador.

Enunciado

Escolhe uma pessoa ou objeto, com o riscador faz o contorno dessa pessoa ou objeto. Repete.

Nota

Este exercício pode resultar numa deformação muito grande do que se está a querer fazer; isso não é mau.



Mapa Sonoro

Material

Papel e riscador.

Enunciado

Dentro ou fora da cela, sons produzidos por humanos ou não-humanos, passos de alguém no corredor ou o som do vento ou da chuva lá fora. Caracteriza os sons que entram pelo ouvido direito, depois pelo esquerdo. Identifica o teu horizonte acústico, o som mais distante que consegues ouvir e o som que está mais perto de ti. Abre os olhos. Desenha o teu mapa sonoro.

Variante

Canta esse mapa e/ou escreve uma letra/poema para o teu mapa



Círculo Sagrado

Material

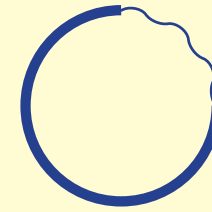
Papel e riscador.

Enunciado

Desenha um círculo. Dentro do círculo coloca tópicos/temas/assuntos que precisas de proteger. Coloca dentro do círculo os nomes daquelas pessoas que te apoiam e te protegem. Fora do círculo coloca os nomes de coisas e pessoas das quais te deves proteger. Guarda o teu círculo e usa-o para apoiar a tua autonomia e o teu amor próprio. Adiciona e/ou retira os nomes à medida das tuas necessidades.

Nota

O círculo sagrado é uma forma de proteção, uma fronteira, um limite, um espaço de segurança e um centro de atração do bem. É um jardim interior.



Rimas e canções

Propostas de exercícios
de escrita curta.



Carta de Amor

Material

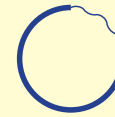
Papel e riscador.

Enunciado

Todas as cartas de amor são ridículas e ridículos são aqueles que nunca as escreveram. Pensa em alguém que amas, que amaste ou em alguém que gostarias de vir a amar. Escreve-lhe uma carta a declarar o teu amor.

Variante

Enviar a carta por correio e esperar por uma resposta.



Canção

Material

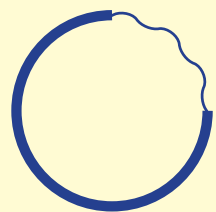
Papel e riscador.

Enunciado

Expressa os teus sentimentos através de versos, isto é, através de frases curtas separadas por parágrafos. Estas frases podem rimar ou não. Acrescenta um refrão, uma frase ou expressão que se repete ao longo dos versos.

Variante

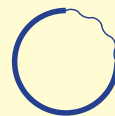
Acrescenta um ritmo e ensina alguém a cantar os teus versos, a expressar os teus sentimentos.



Dias Difíceis

Orações¹ para dias difíceis.

¹ Não há uma maneira certa ou errada de rezar. A oração é uma forma de comunicação com Deus, e a melhor maneira de rezar é de uma forma que seja natural para cada pessoa. Não há regras ou restrições. O importante é que cada pessoa se sinta conectado a Deus e que sua oração seja sincera.



Do Budismo

OM AH HUM

Mantra da tradição budista usado para purificação pessoal. A sílaba OM encarna um tremendo poder criador e representa o Infinito, a Mente Única, a consciência que tudo abrange, a própria essência da existência. AH mantém e preserva tudo o que OM cria. HUM imbui o que foi criado com energia vital, além de submeter a paixão e harmonizar os pensamentos.



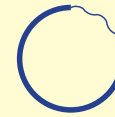
Da Tradição Hebraica

Agora Senhor,
dá ao teu servo
um coração
capaz dessa escuta.

Primeiro Livro dos Reis

O Sol alegre quem espera o dia:
o Senhor, meu Sol, dá-me alegria.
Os seus raios despertam-me,
a Sua Luz afasta a escuridão do meu rosto.

Anónimo (Séc. I)



Da Tradição Cristã

Pai Nosso

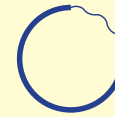
Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso Nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do Mal.



Do Islão

Hino de Louvores²

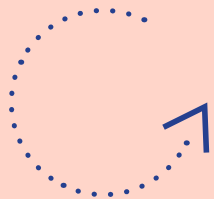
Deus é o único Deus, o Deus vivo e eterno.
O sono não se aproxima dele.
Ele possui o que está nos céus e sobre
a terra.
Quem pode interceder junto dele, sem
a sua vontade?
Ele sabe o que era antes do mundo
e o que será depois.
Os homens só conhecem da sua majesta-
de suprema
o que ele decidiu dar-lhes a conhecer.
O seu trono sublime abraça os céus
e a terra.
E sustenta-os sem esforço.
Ele é o Deus grande, o Deus Altíssimo.



Outras tradições

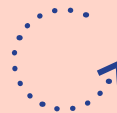
Oração da Serenidade

Deus, concede-me
a serenidade para aceitar
as coisas que não posso modificar
a coragem para modificar
aquelas que posso
e a sabedoria para distinguir
umas das outras



Construir o caminho cá fora

Informações úteis para
quem está a sair
de um EP



DOCUMENTOS

Se és uma pessoa portuguesa e o teu cartão de cidadão caducou, dirige-te a uma Loja do Cidadão para realizares a sua renovação:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários das lojas de cidadão aqui: <https://eportugal.gov.pt/locais-de-atendimento-de-servicos-publicos>

◇ Podes ligar para 300 003 990

Se és uma pessoa estrangeira e não tens documentos, ou tens a autorização de residência caducada, dirige-te ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - SEF

◇ Podes encontrar mais informação relativamente ao pedido que pretendes realizar aqui: <https://imigrante.sef.pt/>

◇ Podes registar-te no portal do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras em <https://www.sef.pt/pt/Pages/pre-marcacao-online.aspx> para:

Renovares a tua Autorização de Residência de forma automática;

◇ Agendar a deslocação ao balcão do SEF para Renovar o teu Cartão de Residência (para cidadãos da União Europeia e seus familiares);

◇ Agendar a deslocação ao balcão do SEF para Prorrogar] a tua Permanência (para cidadãos titulares de visto de curta duração ou estada temporária).

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos Balcões de Atendimento do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras



- SEF aqui: <https://imigrante.sef.pt/balcoes-atendimento/>

◇ Podes ligar para 217 115 000 ou 965 903 700

◇ Para acederes a informação e serviços sobre a Segurança Social:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos serviços de atendimento da Segurança Social aqui: <https://www.seg-social.pt/servicos-de-atendimento>

DOCUMENTOS

◇ Podes registar-te e/ou aceder à Segurança Social Direta aqui: <https://app.seg-social.pt/sso/login?service=https%3A%2F%2Fapp.seg-social.pt%2Fptss%2Fcaslogin>

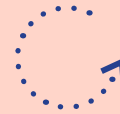
◇ Podes ligar para 300 502 502

◇ Para acederes à informação e serviços sobre as Finanças:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos serviços de atendimento das Finanças aqui: Locais de atendimento de serviços públicos - moradas e horários - ePortugal.gov.pt

◇ Podes registar-te e/ou aceder ao site das Finanças aqui: <https://www.portaldasfinancas.gov.pt/at/html/index.html>

◇ Podes ligar para 217 206 707



SERVIÇOS DE APOIO

Se procuras apoio social, dirige-te aos serviços de atendimento da Câmara Municipal e/ou Junta de Freguesia da tua área e/ou aos serviços de atendimento da Segurança Social:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos serviços de atendimento da Segurança Social aqui: <https://www.seg-social.pt/servicos-de-atendimento>

◇ Podes ligar para 300 502 502

◇ Podes ligar para 144 - Linha Nacional de Emergência Social (por exemplo: caso precises de um local para pernoitar; caso precises de ser integrado/o numa Comunidades de Inserção - este é um tipo de resposta que visa também a inserção social de pessoas ex-reclusas que tenham falta de recursos económicos, entre outras situações de exclusão social)

Se procuras trabalho e/ou formação, dirige-te aos serviços de atendimento do Instituto do Emprego e Formação Profissional - IEFP:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos serviços de atendimento da Segurança Social aqui: <https://www.iefp.pt/redecentros>

◇ Podes encontrar ofertas de trabalho aqui: <https://iefponline.iefp.pt/IEFP/pesquisas/search.do?cat=ofertaEmprego> e ofertas de formação aqui: <https://iefponline.iefp.pt/IEFP/pesquisas/search.do?cat=ofertaFormacao>

◇ Se procuras trabalho, podes dirigir-te a um Gabinete de Inserção Profissional - GIP: <https://www.iefp.pt/gabinetes-de-insercao-profissional>

◇ Se procuras formação, podes dirigir-te a um Centro Qualifica:



<https://www.qualifica.gov.pt/#/pesquisaCentros>

◇ Se és uma pessoa estrangeira e precisas de apoio, dirige-te a um Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes – CNAIM, ou a um Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes – CLAIM:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos Centros Nacionais de Apoio à Integração de Migrantes – CNAIM aqui: <https://www.acm.gov.pt/-/cnai-centro-nacional-de-apoio-ao-imigrante>

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes – CLAIM aqui: <https://plim.acm.gov.pt/contactos/contactos-rede-claim>

◇ Podes ligar para 808 257 257 ou 218 106 191

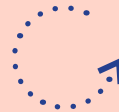
Se procuras proteção jurídica² e não tens condições financeiras para pagar despesas de processos judiciais:

◇ Podes encontrar mais informação sobre o que é e como obter proteção jurídica aqui: <https://www.seg-social.pt/protecao-juridica>

2. A proteção jurídica inclui:

Consulta Jurídica – Consulta com um advogado para esclarecimento técnico sobre o direito aplicável a questões ou casos concreto sobre interesses pessoais legítimos ou direitos próprios lesado [violados] ou ameaçados de lesão (não se aplica às entidades sem fins lucrativos).

Apoio Judiciário – Nomeação de advogado e pagamento dos seus honorários ou pagamento dos honorários do defensor oficioso (designação que se atribuí ao advogado, no caso de arguido em processo penal ou contraordenacional), dispen-



sa do pagamento das custas judiciais ou possibilidade de as pagar em prestações e atribuição de agente de execução (é sempre um oficial de justiça que exerce as funções de agente de execução).

Se procuras aconselhamento psicológico:

◇ Podes ligar para o SNS 24 – 808 24 24 24 (deves seleccionar a opção 4 – aconselhamento psicológico)

Se és uma pessoa com comportamentos aditivos e dependências (exemplo: drogas) e procuras apoio:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários dos serviços de apoio, prevenção e tratamento aqui: <https://www.sicad.pt/PT/Cidadao/Estruturas/Paginas/default.aspx>

◇ Podes ligar para 1414

Se és, ou foste, vítima de violência doméstica e procuras apoio:

◇ Podes encontrar as moradas, contactos e horários de Estruturas de Atendimento da Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica aqui: <http://www.guiaderecursosvd.cig.gov.pt/>

◇ Podes ligar para 800 202 148, ou enviar uma mensagem para 3060 ou enviar um email para violencia@cig.gov.pt

Se pretendes apresentar alguma queixa ou denúncia sobre alguma questão que tenha ocorrido na prisão:



◇ Podes apresentar queixa na Inspeção-Geral dos Serviços de Justiça

– IGSJ aqui: <https://igsj.justica.gov.pt/Servicos/Apresentar-queixa>

◇ Podes ligar para 218 805 200 – Inspeção-Geral dos Serviços de Justiça – IGSJ

◇ Podes apresentar queixa na Provedoria de Justiça aqui: <https://www.provedor-jus.pt/quem-somos/perguntas-frequentes/submeter-queixa/>

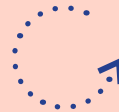
◇ Podes ligar para 213 926 600 – Provedoria de Justiça

ORGANIZAÇÕES COM APOIO A PESSOAS EX-RECLUSAS³

APAR – Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso
Morada – Escola Primária da Moita, Moita, Alcorninha – Caldas da Rainha
Contactos – 262 011 802 e 969 601 874 e geral@apar.pt
Site – <https://apar.pt/>
Contactos – 227 531 106/7e info@apdes.pt
Site: <https://apdes.pt/pt/home/>

Aproximar
Morada – Rua do Paraíso, loja n.º 2, Alfragide – Amadora
Contactos – 211 336 681 e 911 939 224 e contacto@aproximar.pt
Site – <https://www.aproximar.pt/>

Confiar – Associação de Reinserção Social
Morada – Bairro do Estabelecimento Prisional do Linhó, Casa 13, Alcabideche – Cascais
Contactos – 219 242 326 e info@confiarportugal.pt
Site – <https://confiarportugal.pt/pt/>



Observações: Possui um Centro de Apoio Familiar em Cascais
– Rua de Moçambique, Bairro Encosta da Carreira Lote 10,
Loja B – contactos 210 961 143 e 910 326 048

Diálogo e Acção
Morada – Rua Maria do Carmo Torres n.º 3, Loja B Lisboa
Contactos – 926 278 908 e dialogoeaccao@gmail.com
Site: <https://dialogoeaccao.wixsite.com/dialogoaccaoficial>

O Companheiro
Morada – Avenida Marechal Teixeira Rebelo, Benfica – Lisboa
Contactos – 911 934 918 e geral@companheiro.org
Site – <https://companheiro.org/wp/>
Observações: Possui um gabinete em Lagoa, no Algarve
– contactos 910 656 516 e gabinete.sul@companheiro.org e possui um gabinete em Leiria – contactos gabinete.centro@companheiro.org

Observatório dos Direitos Humanos
Morada – Porto (sem informação da morada exata)
Contactos – 962 818 610 e 918 716 035 e dh.observatorio@gmail.com
Site – <https://www.observatoriodireitoshumanos.net/>
OVAR – Obra Vicentina de Auxílio aos Reclusos
Morada – Rua de Santa Catarina n.º 769, Porto
Contactos – 222 006 255 e o.v.a.r.reclusos@gmail.com
Site – <https://ovarpriso.es.wixsite.com/ovar>

Pastoral Penitenciária de Portugal
Morada – Quinta do Bom Pastor, Estrada da Buraca, n.º 8-12, Lisboa
Contactos – 218 855 460 e coordenacao@pastoralpenitenciaria.pt
Site – <https://pastoralpenitenciaria.pt/>

Pastoral Penitenciária de Braga
Morada – Serviços Centrais da Arquidiocese de Braga, Rua S. Domingos,
n.º 94 B, Braga



Contactos – Sem informação

Site – https://www.facebook.com/pastoralpenitenciariadebraga/?locale=pt_PT

Reshape

Morada – Travessa de São Pedro nº 8, Lisboa
Contactos – 937 717 439 e apoio@reshape.org
Site: <https://reshape.org/>

SAPANA

Morada – Rua Fradesso da Silveira, nº 2 R/C, Alcântara
Contactos – 918 397 284 e office@sapana.org
Site: <https://sapana.org/>

Vozes de Dentro

Morada – Sem sede física
Contactos – vozesdedentro@riseup.net
e <https://www.facebook.com/profile.php?id=100077941194173>
Site – <https://vozesdedentro.noblogs.org/>

3. A lista que aqui se apresenta não representa a totalidade das organizações não governamentais com intervenção com pessoas ex-reclusas, sendo apenas resultado do levantamento realizado pela equipa do projeto. Note-se, porém, que não existe em Portugal um sítio que liste todas as organizações nacionais que trabalhem nesta área.

07

01. Contextualização
02. O que são prisões
03. Apresentação
04. Timeline
05. Entrevistas
06. Caixa de ferramentas
08. Conclusões

Conclusão

O projeto *Lado P* decorreu do interesse prévio da equipa em intervir em contextos vulneráveis, nos quais já tinha experiência, embora não diretamente em contexto prisional.

Ricardo Loureiro

Sociólogo, investigador



O projeto *Lado P* decorreu do interesse prévio da equipa em intervir em contextos vulneráveis, nos quais já tinha experiência, embora não diretamente em contexto prisional. Neste sentido assumiu como objetivo central dar visibilidade às experiências das pessoas privadas de liberdade e das suas famílias (que também são alvo de discriminação e marginalização), tendo em vista facilitar o acesso à informação por parte do público em geral, bem como contribuir para a reflexão sobre as prisões em Portugal.

De facto, todos sabemos que existem, de forma mais ou menos generalizada, preconceitos e estereótipos em relação à prisão e às pessoas privadas de liberdade. Tal sucedeu, aliás, com alguns dos membros da equipa, que não tinham tido contacto prévio, ou até então tinham tido pouco contacto, com o sistema prisional. Contudo, com o decorrer do projeto resulta também claro que, de forma transversal, toda a equipa se tornou bastante mais crítica sobre o papel e a função das prisões e do sistema prisional, evidenciando também que o seu maior conhecimento sobre as pessoas privadas da liberdade resultou numa desconstrução dos estereótipos e preconceitos que poderiam ter tido.

Houve, pois, um processo de consciencialização crítica da equipa do projeto sobre as dinâmicas prisionais e os seus efeitos junto das pessoas privadas de liberdade e das suas famílias, mas também dos/as profissionais do sistema prisional. Assim, a equipa acabou por reconhecer a incapacidade, a inércia e até a falta de vontade do sistema prisional em lidar com os problemas que levam as pessoas para a prisão. Ou seja, tornou-se evidente que a prisão serve para punir e desumanizar as pessoas, enquanto *a priori* não reconhece as pessoas privadas da liberdade

Assim, a equipa acabou por reconhecer a incapacidade, a inércia e até a falta de vontade do sistema prisional em lidar com os problemas que levam as pessoas para a prisão. Ou seja, tornou-se evidente que a prisão serve para punir e desumanizar as pessoas, enquanto *a priori* não reconhece as pessoas privadas da liberdade como pessoas comuns.

como pessoas comuns.

Surge, assim, na equipa do projeto uma maior consciência crítica face aos direitos fundamentais de cada pessoa ali acolhida, decorrente do aprofundamento do conhecimento das dinâmicas e relações da prisão, bem como dos contextos de exclusão e vulnerabilidade social de onde vêm muitas das pessoas privadas de liberdade. De facto, o mundo da prisão é caracterizado pela violência (simbólica, física, verbal, psicológica, entre outras), pelo que não é de todo um espaço saudável, conducente à recuperação e à posterior reinserção social.

Neste sentido, urge perguntar se, na prática, o sistema prisional não danifica ainda mais as pessoas que ali vão parar. É importante questionarmos o papel das prisões e o modo como todos/as, enquanto coletivo e sociedade, podemos contribuir para alterar a sua lógica e as suas práticas de funcionamento. Na verdade, a prisão é também o reflexo da sociedade, da indiferença e da exclusão.

Parece-me que um aspeto significativo do *Lado P* é a constante e permanente procura da humanização das pessoas privadas da liberdade, quer através da relação direta com cada uma delas, quer através da visibilidade externa que o projeto visa promover, em particular, por via da série documental. Efetivamente, apesar das diferenças individuais, profissionais e até formativas da

equipa, resulta claro um alinhamento estratégico, assente na ideia de mostrar o que acontece dentro da prisão, desmistificando a noção estigmatizante de que quem está dentro daqueles muros é alguém distante da realidade das pessoas comuns.

Uma das dimensões que assume particular importância no próprio questionamento das prisões tem que ver com os efeitos da prisão sobre os corpos das pessoas privadas de liberdade. A falta de liberdade (física, mas também simbólica) promove uma redução ao corpo, um corpo que é condicionado não só a determinados espaços físicos, como aos tempos de frequência destes mesmos espaços. Para mais, opera-se na prisão a redução, e até a destruição, da identidade individual. O contexto prisional condiciona e remete as pessoas privadas da liberdade para o desempenho de papéis sociais pautados pelas expectativas estereotipadas da própria prisão, o que, na prática, resulta na assunção de uma postura tensa e de relações padronizadas com os/as outros/as.

Ao nível dos processos de trabalho e de implementação do projeto, surgiram diversas dificuldades, mesmo após todas as atividades terem sido enquadradas no âmbito de um protocolo estabelecido entre o projeto e a DGRSP. Entre tais dificuldades destaca-se a falta de permissão para filmar nas condições previstas – um obstá-

culo que, obviamente, teve impacto no resultado da série documental. Este condicionamento de filmar no interior da prisão de Caxias, em nítido contraste com aquilo que sucede noutras prisões do mundo, leva-nos a perguntar qual terá sido o motivo desta proibição.

Realmente, o projeto *Lado P* deparou com enorme resistência por parte do sistema prisional, o que dificultou a ação e o trabalho dos/as profissionais envolvidos. Note-se que tal sucedeu mesmo após ter sido desenvolvido um longo trabalho de pedidos de autorizações e após terem ocorrido diversas tentativas de conciliação sobre o âmbito da intervenção prevista. Esta experiência evidencia a normalização da arbitrariedade das decisões, impostas sem uma clara fundamentação de motivos, levando a que, por exemplo, uma sessão pudesse ser condicionada pela vontade do guarda prisional presente naquele dia. O bloqueio traduz também a falta de transparência do sistema prisional, remetendo para a urgente necessidade de procurar assegurar uma maior transparência das prisões perante os/as cidadãos/ãs, tendo em vista a garantia do respeito pelos direitos humanos das pessoas ali acolhidas.

Assim, ao invés de o sistema prisional perspetivar uma relação colaborativa com o projeto, estabeleceu uma relação autoritária, que exigiu a rees-

174

truturação da intervenção inicialmente planeada, em particular ao nível das filmagens. Destaca-se, contudo, o papel central e facilitador de uma técnica superior de reeducação que facilitou a agilização do projeto, na medida das suas competências de atuação. Daqui se depreende que a boa execução dos projetos poderá ficar sujeita tanto ao tipo de relação estabelecida com os profissionais do sistema prisional, como ao próprio perfil dos/as profissionais presentes, que, na prática, podem vulnerabilizar ou potenciar a intervenção.

Uma das outras dificuldades de realização do Projeto P decorreu da dimensão pandémica da COVID-19, resultando na total ausência de acesso físico às prisões. Este constrangimento inesperado tornou necessário proceder a um reajuste das atividades planeadas, do qual surgiram, aliás, resultados não previstos inicialmente. Durante algum tempo, procedeu-se à troca de correspondência por carta entre os participantes privados de liberdade e a equipa do projeto, que foi lançando desafios de trabalho, de onde resultaram diversos registos, tais como poemas, desenhos e testemunhos da realidade prisional em contexto pandémico. A situação pandémica revelou também uma outra dificuldade, que teve que ver com a perda do grupo inicialmente estabelecido. De facto, a distância física e a redução dos contactos a cartas não asseguraram

a manutenção da dinâmica relacional e o sentido coletivo até então criados com imenso trabalho, sessão após sessão. Foi, pois, necessário proceder a uma nova reestruturação do projeto.

Relativamente ao grupo de pessoas privadas da liberdade que participaram no projeto, importa notar a existência de alguma instabilidade na constituição do grupo de participantes, o que pode ser um grande desafio em projetos de intervenção realizados no contexto prisional. Saídas da prisão, transferências de prisão e desistências podem ocorrer a qualquer momento. Não obstante, a intervenção deverá estruturar uma abordagem de trabalho capaz de interpretar não apenas as dinâmicas coletivas decorrentes de eventuais alterações na composição do grupo, mas também as dimensões e especificidades individuais de cada participante. Ou seja, para que se possa trabalhar de forma mais efetiva, é fundamental a equipa ser capaz de compreender as experiências, traumas, medos, desejos e preocupações de cada uma das pessoas envolvidas no projeto.

Evidentemente, durante o processo de aprofundamento das relações, é possível e provável (tal como, aliás, aconteceu no projeto) que surjam relatos dos problemas pessoais de cada participante. Perante estas circunstâncias, a equipa procurou aferir a sua eventual capacidade de apoio e/ou optou por encaminhar para outras

175

instâncias as pessoas privadas de liberdade. Assim, a dimensão empática da intervenção abriu espaço para um maior conhecimento das histórias de vida de cada um. Ao mesmo tempo, a equipa do projeto passou a ser uma via de apoio na resolução de dificuldades e/ou na busca de informação, circunstância também ela reveladora da ausência de apoio por parte dos/as profissionais da prisão na resolução de problemas e dificuldades de quem lá se encontra.

Por outro lado, o aprofundamento da dimensão relacional resultou por vezes no relato dos crimes cometidos. Pode ser complexo lidar com esses relatos, tanto para a pessoa que partilha a informação, como para a equipa, pelo que a abordagem destas situações passou por uma interpretação cuidada e sensível, tendo presentes os princípios de trabalho éticos propostos pelo projeto. Ainda assim, resulta também clara a necessidade de assegurar o acompanhamento por um profissional na área da psicologia, capaz de responder a solicitações e partilhas delicadas. Note-se, porém, que esta necessidade imputada ao projeto na verdade resulta da inexistência de respostas a este nível por parte do estabelecimento prisional, um organismo público cuja responsabilidade deveria também passar por conceder apoio a nível psicológico.

Nos discursos da equipa, há um alinhamento co-

mo sobre o profundo envolvimento dos participantes nas atividades propostas, sendo este por todos considerado um fator essencial do projeto. De facto, a participação ativa e o engajamento nas atividades propostas foram fundamentais para o desenvolvimento do sentido coletivo do grupo e para o alcance dos objetivos propostos. Ao mesmo tempo, reconhece-se que o trabalho em grupo permitiu também criar relações de solidariedade e de apoio mútuo, conducentes à partilha de experiências pessoais, por vezes traumáticas. Por outro lado, o desempenho de papéis sociais dentro do espaço da prisão é um fator a ser considerado no trabalho em grupo, na medida em que a expectativa e o cumprimento de tais papéis decorrem da função da prisão, que obriga as pessoas ali acolhidas a estabelecerem relações de poder, o que, em algumas situações, pode também gerar tensões e conflitos que afetam o sentido coletivo do grupo.

Por fim, com base nos discursos de alguns dos participantes, é também possível identificar a alteração de uma primeira impressão sobre o projeto: inicialmente perspetivado numa lógica ocupacional do tempo, este acabou por ser reconhecido como um contexto de libertação e de humanização dentro de um espaço sem liberdade que desumaniza deliberadamente as pessoas ali acolhidas. Mais, os participantes reconheceram também o *Lado P* como um contexto soli-

dário de promoção do autoconhecimento, sem estigmas nem preconceitos, aberto à dimensão emocional e afetiva de cada pessoa.

Recomendações

- ⊠ O planeamento prévio do projeto e das sessões não deve inviabilizar os necessários reajustes na prática;
- ⊠ A importância de auscultar os participantes, para estes avaliarem as sessões no final do projeto;
- ⊠ A importância de uma boa estruturação emocional da equipa;
- ⊠ A vontade de intervir em prisões deve pressupor algum conhecimento prévio da realidade prisional e o desenvolvimento da capacidade crítica sobre essa realidade;
- ⊠ Não são os/as participantes que se devem encaixar no projeto, mas sim o projeto que deve procurar responder aos seus pedidos e necessidades;
- ⊠ Em contextos de prisão masculina, a equipa deverá ter um domínio particular sobre as questões da masculinidade tóxica;
- ⊠ ⊠ A dimensão e tempo de afetação da equipa deve ser bem avaliada face aos recursos disponíveis;
- ⊠ A conceção do projeto deve ser realística e, se for caso disso, menos ambiciosa e complexa (ex:

- tempo de execução vs. atividades, recursos humanos, recursos financeiros, objetivos e metas);
- ⊠ A constituição da equipa tem de assegurar a máxima qualidade técnica e deve ter algumas referências internas de trabalho prévio e/ou domínio do contexto;
- ⊠ Deve promover-se uma comunicação regular entre a equipa que implementa o projeto;
- ⊠ Deve-se minimizar a dimensão burocrática do projeto;
- ⊠ As pessoas privadas da liberdade devem ser abordadas pelo seu nome;
- ⊠ É fundamental encontrar mecanismos de rutura entre o ambiente onde os participantes estão privados de liberdade e o contexto das sessões a realizar;
- ⊠ É crucial possuir recursos humanos capazes de intervir na dimensão emocional, nomeadamente na área da psicologia;
- ⊠ Deve realizar-se uma preparação prévia sobre o tema com recurso a leitura de bibliografia, artigos, expressões artísticas entre outras, tendo em vista a desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Primeiramente pensei em prisão
penitenciária presidio portão
porém pareceria sobre pueril focato partido
por prazer pensei em publicar uma poesia
poema pra promover a paz
passei pro papel
pochidão perdão uma precua paixão
perdido pagando de pavão
poder perder e perder poder
partes da partitura poética
parar planar parar e prosseguir
processos pertinentes a pertencer permanecem
pessoas pecados a pagar o preço
perpetua-se o plano
preconceitos paradigmas o paradoxo
percepção periférica piora
britando os pedaços prejudicamos as partes
priorizando as pessoas
proporcionamos possibilidades
projeto partes
permeando os percalços
promovendo preciosa publicidade
Progresso para População
patrimônios perecem
pessoas padecem
pedimos PAZ



08

Créditos

Ficha Artística
e Técnica
do projecto
Lado P

Título *Caderno de Memórias e Outras Anotações Sobre a Experiência de Criar um Projeto Artístico numa Prisão*

Coordenação Maria Gil

Capa João Miller Guerra

Textos Bruno, Daniela Soares, Felipe, Filipa Reis, João Miller Guerra, Leo, Maria Gil, Margarida Mestre, Pablo, Pedro Cabeleira, Ricardo Loureiro, Sofia Cabrita, Tiago Costa

Edição Daniela Soares, João Miller Guerra e Maria Gil

Revisão de texto Diana V. Almeida

Design Gráfico Ana Teresa Ascensão

Projeto *Lado P*

Coordenação Daniela Soares

Artistas formadores Filipa Reis, João Miller Guerra, Maria Gil, Margarida Mestre, Pedro Cabeleira, Ricardo Jacinto, Sofia Cabrita, Tiago Costa

Formadores *World Academy*

Miguel Gonçalves, Miguel Sotto Mayor, Rui Barros

Sociólogo, investigador, responsável pela área social Ricardo Loureiro

Gestão e Administração *Teatro do Silêncio* Susana Martinho Lopes

Apoio à produção Sabrina Santos

As imagens utilizadas nesta publicação fizeram parte do processo criativo do *LADO P*

Título da série de televisão

Fechado

Sinopse

Nos nossos dias, o castigo rege-se por uma economia de direitos suspensos. *Fechado* mergulha nas vivências pessoais do sistema prisional português e daqueles que em torno dele se vêem forçados a gravitar.

#1 Fechado - episódio 1
"As rotinas"

#2 Fechado - episódio 2
"Para estares preso tens de ter dinheiro"

#3 Fechado - episódio 3
"Eu quis trabalhar, eu quis mudar de vida"

#4 Fechado - episódio 4
"Para além da prisão física, há a prisão psicológica"

#5 Fechado - episódio 5
"Aqui é a lei da sobrevivência"

#6 Fechado - episódio 6
"Não está tudo bem"

#7 Fechado - episódio 7
"Estamos presos com quem está preso"

#8 Fechado - episódio 8
"A dor que nos iguala é a mesma que nos separa"

#9 Fechado - episódio 9
"A prisão é a universidade do crime"

#10 Fechado - episódio 10
"Ninguém entra da mesma maneira que sai. E ninguém sai melhor"

#11 Fechado - episódio 11
"Preciso de ir lá fora"

#12 Fechado - episódio 12
"Sair é ilusório"

Link teaser da série

<https://vimeo.com/842150577?share=copy>

Coprodução



teatro do silêncio



Financiadores



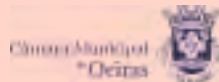
FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL



Câmara Municipal
de Oeiras



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

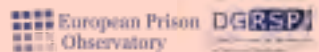


INSTITUTO DO CINEMA
E DO AUDIOVISUAL

Parceiros



WORLD ACADEMY



European Prison
Observatory



DGRSP

